BIBLIOTECA GERAL
DA
UNIVERSIDADE

Abril de 1998
Nº 36
Distribuição gratuita
Director: César Marques
Director adj:Manuel Pereira
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra
Rua Pe. António Vieira
3000 Coimbra
Telefone/Fax: (039) 821554

A Cabra

Jornal Universitário de Coimbra

DOM Pinis

TEATRO EM COIMBRA

Dez mil em Lisboa contra a Lei de Financiamento

Esclarecimento

No passado dia 26, no debate entre os quatro candidatos a Reitor realizado na Faculdade de Direito, o Doutor Reis Torgal afirmou que a entrevista concedida à "Cabra" no último número"foi manipulada" (sic), já que ele nunca teria dito que a Lei de Financiamento do Ensino Superior "como lei da AR, e enquanto não for revogada, deve ser regulamentada e, se necessário fazer aplicar sanções ao seu incumprimento", como lá se lê. Disse que o que afirmou foi que a questão deveria ir a Senado e aí caberia decidir o que fazer.

Para não deixar lugar a qualquer dúvida, reproduziremos integralmente a parte da entrevista que suscitou reservas por parte do candidato:

"A Cabra: Mesmo que o Senado não regulamente o pagamento, ou mesmo que os estudantes não paguem, serão sujeitos a sanções?

Reis Torgal: Em primeiro lugar, eu entendo que o regulamento deve realizar-se, faz parte da lei, deve realizar-se. Em relação a sanções, pois, é outro tema a ser considerado e não sou eu que o devo considerar, deve ser considerado no espaço próprio, que é o Senado. É o Senado que trata disso e por conseguinte não quero agora estar a intervir num processo que não me pertence, se fosse Reitor também não me pertenceria, pertenceria ao Senado. Agora, seja como for, entendo que a situação dos contratos-programa é uma questão própria que tem que ver com uma situação que vem tapar uma lacuna da própria Lei de Financiamento.(...)

A Cabra: Como membro do Senado, qual a sua opinião pessoal em relação a todo este movimento de boicote e à possibilidade de uma sanção aos estudantes que não pagaram, já se segue há mais ou menos quatro anos com o mesmo tipo de acontecimentos? Como é que vê todo este processo?

Reis Torgal: Olhe, eu a minha opinião pessoal é o seguinte, eu não vou esconder aquilo que penso em relação a isso. A minha opinião é esta: há uma lei, que tem que ser aplicada, que deve ser aplicada. É uma lei que não foi revogada, pode-se lutar pela revogação da lei, mas as leis num país democrático têm que ser aplicadas, por conseguinte eu julgo que por mais soluções que se possa encontrar para que não sejam aplicadas sanções aos estudantes também a verdade é esta, é que temos que regulamentar uma lei. Pode-se encontrar uma ou outra solução para que não haja sanções demasiadamente fortes a aplicar mas por outro lado também há que naturalmente explicar aos estudantes que, no caso de ser essa a situação, devem pagar e que depois deve haver um processo de persuasão a partir de um determinado momento. Vamos imaginar uma mera hipótese académica: todos pagam e há duzentos ou trezentos que não pagam. Eu penso que deve haver um processo de persuasão para que os estudantes efectivamente paguem. Por que é uma minoria que efectivamente não pagou, por conseguinte, custa-me estar a pensar em questões de sanções mas considero que é uma injustiça que todos os outros paguem e não paguem duzentos ou trezentos. Tem que haver naturalmente um processo de persuasão para os estudantes pagarem. Porque o facto de se aplicar uma lei deste género, de haver um processo de persuasão ou até, eventualmente, de sanção, não significa que os estudantes se desmobilizem, se entenderem em relação a um problema que sentem."

Ficam assim reproduzidas as declarações de Reis Torgal, que estão gravadas, de modo a que cada um tire as conclusões que entender. A única coisa que nos merece reparo é a forma como o Doutor Reis Torgal expôs o problema em público no debate: uma coisa é dizer que uma determinada afirmação não está correcta, outra coisa é dizer que uma entrevista foi manipulada...

César Marques

Agradecimento

A Direcção do Jornal "A Cabra" agradece ao Centro de Informática da AAC o grande apoio prestado nesta edição. Devido a problemas de última hora com o nosso material informático, só graças à assistência daquela secção se tornou possível a publicação deste número na data prevista.

Aqui fica o nosso reconhecimento.

"Queima Total"

"A Cabra" apurou que a Comissão Central da Queima das Fitas está a preparar uma "festa de arromba" para a noite da Serenata Monumental. A festa, intitulada "Queima Total", realizar-se-á no espaço entre as Físicas e as Químicas, havendo já autorização do Conselho Directivo da FCTUC. A Comissão da Queima parece estar a apostar forte neste evento, que conta já com as participações confirmadas de DJ's das discotecas Alfândega (Caminha), It (Póvoa de Varzim), Swing (Porto), 8º Oeste (Aveiro), Aqui Há Rato (Coimbra), Alcântara-Mar (Lisboa) e Kadoc (Algarve) e que terá entre 50-60 pontos de luz e quatro torres de som. Há ainda a hipótese de a Cantina das Químicas estar a funcionar durante a noite, a servir refeições, e de haver uma demonstração de desportos radicais. Tudo pronto para animar a noite a todos os que saiam da Serenata, a partir da uma hora da manhã.

CM

Secção de Ginástica conquista títulos

Os atletas da Secção de Ginástica da AAC obtiveram vários lugares no podium no Campeonato Regional de Tumbling realizado em Condeixa-a-Nova, a 21 de Março, continuando a levar o nome da AAC mais longe.

Assim, em Iniciados Femininos Ana Rita Bastos ficou no 2º lugar e Cátia Noronha em 3º lugar. Em Juniores B Femininos Maria Inês Santos ficou em 2º lugar e em Séniores B Masculinos, Francisco Pinto conquistou o primeiro lugar.

VI Jornadas Universitárias Lusófonas

As Jornadas Universitárias Lusófonas, iniciadas em 1988, vêem uma vez mais a luz do dia depois de uma interrupção. Este ano com a organização a cargo da recém-criada Secção de Divulgação de Culturas Lusófonas, são dedicadas ao tema "Todos por um Timor Livre" e decorrem até ao dia 3 de Abril. Das actividades consta um conjunto diversificado de actividades desportivas, exposições, espectáculos e ciclos de documentários audiovisuais dos países de expressão portuguesa divulgando as criações culturais lusófonas.

Queima Cultural-"Maio de 78-Vinte Anos

No dia 30 de Abril iniciam-se as comemorações do 20º aniversário do Maio de 78, momento do ressurgimento das tradições académicas, abandonadas em virtude do luto académico decretado em 1969. O Fado de Coimbra e o doutor Luiz Goes, um dos seus nomes incontornáveis, são os pontos centrais desta iniciativa. A exposição "Luiz Goes-

-50 anos de canto" abre na Sala da Cidade (Antigo Refeitório de Sta Cruz) no dia 30 de Abril e nessa mesma noite, no Café-Teatro do TAGV, decorrerão os Diálogos com Luiz Goes. No dia 1 de Maio à noite, no Auditório da Reitoria, terão início os Seminários do Fado de Coimbra, estando previsto para a tarde do dia 2 o espectáculo "História do Fado de Coimbra-Homenagem ao Doutor Luiz Goes", a decorrer no TAGV. Finalmente no dia 3, no Retiro dos Poetas, Penedo da Saudade, efectuar-se-á o descerramento de uma placa comemorativa.

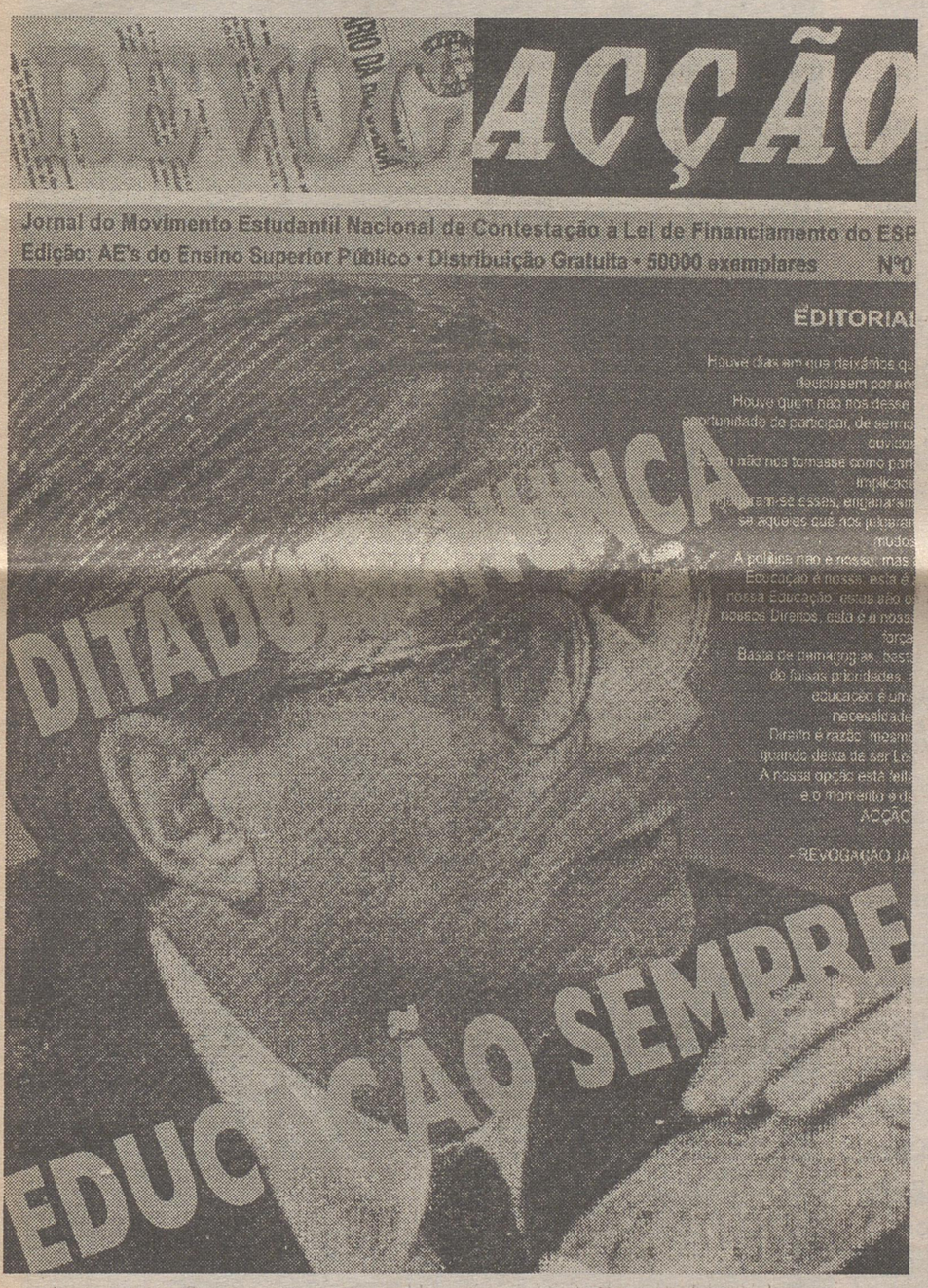
A não perder...

Ficha Técnica

Directores: César Marques, Manuel Pereira ; **Edição:** Adeodato V. Pinto, Eduardo Brito, Nuno Curado, Tiago Maranhão, Rui Ferreira; **Director Gráfico:** Nuno Curado; **Paginação:** Nuno Curado, César Marques, Manuel Pereira; **Redacção:** Andreia Gouveia, Bruno Ferreira, David Pereira Bastos, Fernando Nuñez, Filipa Rodrigues, Hugo Sousa, João Melo Alvim, Maria Luis Marinho, Nuno Brandão, Patrícia Senra, Paulo Antunes, Paulo Barbosa, Pedro Branco, Rosário Salvado, Rui Prista Cascão, Rui Mendes, Sofia Branco, Susana Cerqueira; **Colaboradores:** Ana Cláudia Pinho, Cristina Gomes, João Madeira; **Fotografia:** Eduardo Brito, Marco Moreira, Paulo Antunes; **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 2000 exemplares; **Produção:** Secção de Jornalismo da A.A.C.; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira; **Telefone/Fax:** (039)-38934; **Agradecimentos:** Centro de Informática da A.A.C., Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Magna de mobilização

Cerca de seiscentas pessoas participaram na Magna que decorreu no passado dia 18, no auditório da reitoria. Pretendia-se a mobilização da massa estudantil para a manifestação realizada no dia 25, em Lisboa.



O verdadeiro objectivo desta magna foi assegurar uma grande adesão por parte dos estudantes, para a manifestação do dia 25 em Lisboa. Além desta foram ainda aprovadas outras medidas como:

-Desvio no percurso da manifestação, de forma a passar junto à Portugal Telecom, para mostrar a nossa solidariedade para com os utentes, que protestam contra os aumentos dos telefones;

-Realização duma caminhada a partir do Convento de Mafra, no dia 24;

-Greve às aulas no dia 25;

-Compelir as secções e organismos da A.A.C. a sensibilizar a população para a nossa luta, nos seus eventos durante a Queima das Fitas;

-Distribuição de cartas informativas sobre o ponto da situação, durante a manifestação em Lisboa;

-Envio de E-mails para o Ministério a reivindicar mais bolsas e mais apoios;

-Levar som para a manifestação, para que os activistas possam falar;

-Discutir com outros líderes estudantis tendo como ponto de partida de negociação uma greve de cinco dias;

-Realização duma Assembeleia Magna na primeira semana depois das férias da Páscoa.

A magna inciou-se com a intervenção do Presidente da Academia, Tó Silva, que começou por fazer uma retrospectiva da luta anti-propinas, destacando a importância da nossa Associação. Mostrando a adesão da massa estudantil a esta luta, salientou o número dos boicotantes , que rondam os catorze mil nos quais se contam cerca de oito mil bolseiros.

No seu discurso referiu que os estudantes não estão sozinhos na sua luta, como prova o documento elaborado com a Federação Nacio— nal dos Professores (FENPROF) e Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública. O documento tem como pressupostos básicos:

-Concretização efectiva de prioridade à educação, mediante o aumento sigificativo dos recursos do Estado postos ao serviço do Sistema Educativo preponderante factor de promoção da igualdade de oportunidades e do desenvolvimento cultural , social e económico do país, a caminho da convergência real com os paises mais desenvolvidos da União Europeia;

-Aumento da justiça fiscal, nomeadamente, através dum eficaz combate à evasão fiscal e do crescimento da incidência fiscal sobre os rendimentos não provenientes do trabalho, o que permitirá a melhoria do Sistema Educativo, sustentada por uma ajustada utilização do acréscimo dos recursos financeiros assim obtidos;

-Desenvolvimento duma política de efectiva criação de oportunidades de emprego, compatível com o nível e a qualidade da formação adquirida;

-Participação efectiva dos parceiros sociais, nomeadamente, das organizações representativas de professores, estudantes, funcionários-não-docentes e pais, na definição e aplicação duma política educativa que represente um amplo consenso social.

Uma das medidas mais inovadoras aprovadas nesta Magna foi a Caminhada. Com início no Convento de Mafra, passando por Loures, terminou no Estádio Universitário, percorrendo-se cerca de trinta kms. Esta iniciativa teria o objectivo de chamar a atenção da comunicação social para a manifestação do dia seguinte. Esse seria o evento realmente decisivo na luta contra as propinas.

De notar, só para finalizar, que esta Magna, a primeira presidida por Miguel Alves, decorreu com uma "certa" cordialidade e consenso de ideias.

Patrícia Senra
Vasco Fernandes

Magnawards

Mais uma vez, a Assembleia Magna da AAC foi pródiga em frases merecedoras de reconhecimento "ao mais alto nível". Como tal, "A Cabra" esteve lá para atribuir mais uns "Magnawards"

Prémio Temos Homem!

"Continuamos a montar quem for preciso"

João Paulo Branco

Prémio Há uma Solução!

"Vai ao Bar"

Anónimo em resposta à frase de Raquel Varela "Já nem os colegas conhecemos"

Prémio Então é Isso!...

"Este gajo está a estudar para dentista"

Anónimo durante o discurso do Renato Júnior

Prémio É qu'és burro!...

"Estive à espera do Ricardo Matos até às 10h30 e ele não apareceu"

Raquel Varela

Prémio Ele dedica-se a outras coisas

"Não apareci porque atrasei-me a jantar e ao contrário de outras pessoas não faço só trabalho intelectual"

Ricardo Matos

Prémio Obrigadinho

"Se não concordarem podem votar contra"

Sofia, a propósito da sua proposta

Prémio Antes lamber um cinzeiro

"Lambam os cus aos professores!"

Sofia, a defender a sua proposta

Prémio Cartaz de Ouro

"Raquel, I Love You"

Anónimo na assistência durante o discurso de Raquel Varela

Prémio Já que estamos numa de não pagar...

"Vamos para a frente da Portugal Telecom protestar contra as novas tarifas"

André Pestana

Prémio E no fim vem o Verbo

"Vamos aprovar o espírito da moção e depois ele dará os retoques no verbo"

Miguel Alves, presidente da Mesa, antes de uma votação

Prémio Tem mesmo de ser...

"Já me esquecia!"

Miguel Alves, quanto à votação de uma proposta

Uma das maiores manifestações estudantis de sempre frente à AR

Dez mil exigem a revogação

No dia 25 de Março, cerca de 3500 estudantes universitários de Coimbra manifestaram-se em Lisboa, frente à Assembleia da República, para exigir a revogação da Lei Quadro de Financiamento do Ensino Superior.

A concentração estava marcada para as 8.00, e como é habitual àquela hora, poucas eram as caras felizes no largo D. Dinis. Uma hora depois, estando já reunida a maior parte dos participantes, começaram a dirigir-se em autocarros para a Estação de Coimbra-B, onde os esperavam 2 comboios, um com 11 e outro com 6 carruagens. A ocupação dos lugares começou a fazer-se com o rebuliço habitual, pois ninguém queria fazer a viagem de 3 horas em pé. Para disfarçar alguma impaciência entoavam-se palavras de ordem, de entre as quais a já muito habitual "Briosa, Briosa"; bebia-se cerveja e comentava-se a noite anterior. Aqui e ali ouviam-se conversas preocupadas sobre os prováveis efeitos, na opinião pública, de uma manifestação estudantil num dia de luto nacional. A animação redobrou quando chegaram os cerca de 800 estudantes do Instituto Politécnico da Guarda. Após se terem distribuído pelo segundo comboio, deu-se a partida rumo a Lisboa, cerca das onze e meia.

Já com o comboio em andamento o entusiasmo quebrou, e muitos aproveitaram para repor o sono perdido na noite anterior. Entretanto começaram a ser distribuidas as rações de combate, constituídas por três peças de fruta, duas sandes e um sumo, providenciadas pelos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra. O resto da viagem ficou marcada pela ânsia de chegar a Lisboa. A monotonia só se interrompeu aquando da passagem pela EXPO'98, passando esta a ser o assunto central das conversas.

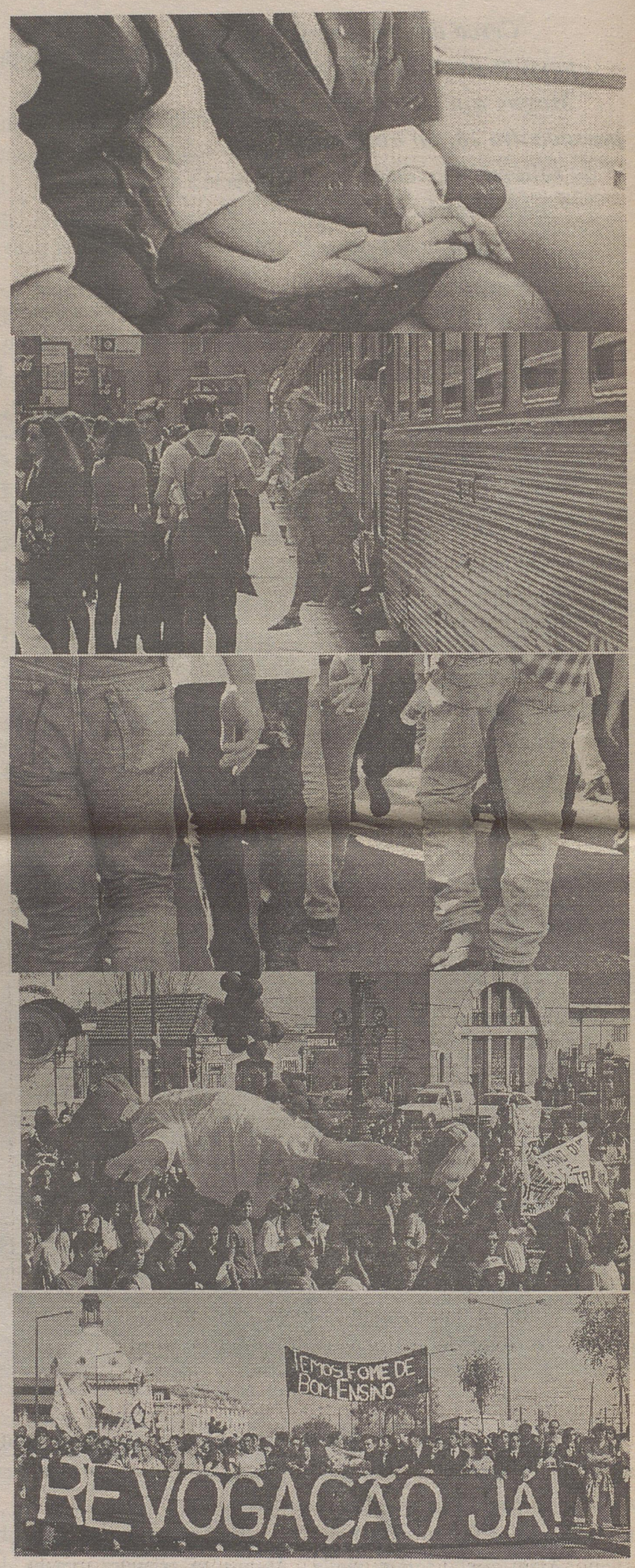
Finalmente chegados à Estação de Sta Apolónia às 14.30, uma maré humana invadiu as plataformas gritando: "Académica, Académica". Quebrou-se o marasmo da viagem, reavivando-se de novo o motivo que levara as hostes coimbrãs a Lisboa. À saída da Estação deu-se o reencontro com os cerca de 100 estudantes que, no dia anterior, tinham efectuado a "Caminhada pelo Ensino Superior Público" de Mafra a Lisboa, visivelmente combalidos pela cansativa jornada, na qual foram percorridos cerca de 47 quilómetros.

Após um breve compasso de espera iniciou-se a marcha em direcção à Assembleia da República. Ao passar pelo Campo das Cebolas, juntaram-se os estudantes de Évora, recebidos com palmas. Seguiu-se uma inevitável vaia à porta do Ministério das Finanças. Só no Terreiro do Paço surgiram os alunos da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), carregando um gigantone baptizado "Gril", um misto da mascote da EXPO e do Ministro da Educação.

A marcha decorria com uma normalidade e calma pouco habituais neste tipo de acontecimentos, algo a que não era alheia uma certa inibição provocada pelo luto decretado em virtude da morte do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, para além do intenso calor que se fazia sentir àquela hora. O primeiro grande momento da tarde aconteceu durante a passagem pelo IADE, quando os estudantes desta instituição de Ensino Superior Privado de Arte e Design arremessaram objectos das janelas e gritaram "paguem, paguem", obtendo a resposta: "palhaços". A agitação aumentou com a proximidade de São Bento. Os manifestantes ocuparam cerca de metade da praça fronteira ao Parlamento. Para acabarem os preliminares já só faltavam os estudantes do Porto, e ainda os de Lisboa, que não se tinham juntado aos colegas da FBAUL, pois estes, vindos da Cidade Universitária, tinham feito uma passagem pelo Ministério da Educação, na Av. 5 de Outubro.

Às 5 horas os cerca de dez mil manifestantes reunidos estavam já prontos para pedir a revogação da Lei Quadro de Financiamento. Nessa altura, dá-se a tentativa de fazer um minuto de silêncio em memória de D. António Ribeiro, mas dada a agitação foi difícil manter o silêncio; no entanto terá valido a intenção. Gritava-se "Acção Social, Acção Social", "Não Pagamos"; nos diversos cartazes podia ler-se: "As propinas deixam-me teso, mas não me excitam", "Ministro sem nível, não é elegível" e "Revogação já".

Um dos objectivos da manifestação, a entrega de uma carta reivindicativa de melhores condições para o Ensino Superior ao Presidente da Assembleia da República, não pôde ser cumprido pois o hemiciclo encontrava-se encerrado, em consequência do luto nacional decretado em memória de D. António Ribeiro. Não obstante, alguns dos deputados que não estavam no cortejo fúnebre, realizado à mesma hora, não se coibiram de observar os estudantes da varanda da AR. De entre eles, o deputado Sérgio Sousa Pinto, líder da Juventude Socialista, foi um dos mais notados-quando os estudantes se aperceberam da sua presença vociferaram: "Traidor, traidor!" e "Explica-te, explica-te, vem cá a baixo". Outro dos deputados mais notados foi Odete Santos, do grupo parlamentar do Partido Comunista Português, alvo de uma estrondosa ovação. Como é habitual, alguns membros deste grupo parlamentar desceram até às escadas da AR, demonstrando assim a sua concordância com o pedido



Um longo caminho...

feito pelos estudantes.

O momento alto da tarde foi o surgimento, na escadaria da Assembleia, de um mimo vestido de grilo: vinha a rigor, com antenas e abas de grilo, e arrastava atrás de si os instrumentos utilizados para fazer o famigerado diálogo- Propinas, Bolsas e Acção Social. A perplexidade inicial foi substituída por cânticos de "Grilo, ladrão, não levas um tostão". O mimo, por sua vez, ia acenando com os assuntos polémicos acima referidos. Por fim os estudantes enjaularam-no na gaiola que o aguardava no meio da mutidão. Por saber fica ainda como terá a Federação Académica do Porto conseguido colocar o sósia do Ministro do lado de dentro do cordão policial que protegia a AR...

Por volta das 18.00 os estudantes começaram a dispersar, tendo uma grande parte seguido em direcção ao Terreiro do Paço. Aí procedeu-se ao afogamento simbólico do "Gril", sendo libertados os balões nele contidos.

Os comboios partiram rumo a Coimbra, cerca das 20.30. O rosto dos manifestantes era o espelho de (mais) uma longa jornada de luta. Muitos dormitaram enquanto outros comentavam os vários momentos do dia. A chegada a Coimbra-B foi às 22.30, onde ainda se ouviam aqui e ali restos dos cânticos entoados durante todo o dia, enfraquecidos pelo cansaço.

Texto de Bruno Ferreira
Fotografias de Eduardo Brito e Marco Moreira

"São 1:15 am. Caminhamos durante 13 horas. Os corpos caminhantes, cansados, estendem-se sob o chão duro da nossa guarida improvisada. Uma centena de almas, caidas de esforço, demasiado doridas corporalmente, relaxam o espírito na ideia do dever cumprido, da revolta que nos fez mexer e sonhar... com o objectivo final que pode ser atingido amanhã, talvez..."

Estas frases, escritas depois da chegada ao pavilhão universitário de Lisboa, podiam ser extraidas do diário de um resistente francês fugindo ao invasor nazi, ou de um camponês bolchevique a caminho de Moscovo para se juntar ao exército vermelho em plena guerra civil. São, nas suas devidas proporções, o relato do modo de sentir que os cerca de cem estudantes participantes da caminhada de sensibilização do Dia do Estudante, experimentaram. 47 quilómetros e muitas, muitas histórias fotografadas na memória depois.

De Mafra a Lisboa, cumpriu-se o trajecto definido: Mafra, Malveira, Loures e Lisboa. Almoço na escola c+s da Malveira e jantar na cantina dos serviços municipalizados de água de Loures. Com horários desencontrados. Como é da praxe. Lanche na berma da estrada, à sombra de uma casa isolada com Loures à vista, ainda muito longe... As já habituais rações de combate...

Mas mais do que a quilometragem, os horários ou o nome das cidades espetadas nas placas da JAE o que realmente vale recordar é as buzinadelas de apoio dos camionistas, o "força rapazes!" de pessoas na berma da estrada. Ou o olhar atónito das populações, reunidas no café central da vila, a lerem os panfletos que distribuiamos para que nos compreeendessem...ou o misturar da fila indiana que tentávamos formar com a paisagem, campestre, à entrada da capital. Mais do que as jornalistas e os fotógrafos fica a cara daquele rapaz, 99 quilos a andar, como ele próprio referiu, a arrastar a perna manca, lívido de esforço a escassas centenas de metros da cidade universitária, ponto final da aventura... o "já falta pouco" atirado e a frase ripostada "há dez minutos que nos dizem isso". Fica a imagem de um outro rapaz que dormiu sentado na cadeira, porque "não conseguia desdobrar as pernas" segundo ele. Fica a história das três raparigas transportadas para o hospital com bolhas nos pés, ou pés nas bolhas, que sairam do Santa Maria por uma porta da traseira e ainda tiveram que correr de um cão meia hora depois de andarem, sozinhas, à procura do estádio universitário...a fila das bolhas a que os médicos da cruz vermelha tiveram que responder, no pavilhão. Da cara de sacrificio de quem resolveu fazer a caminhada trajado, porque acima de tudo "somos de Coimbra". E porque não falar daqueles que ainda dançavam capoeira ou faziam a roda quando chegaram... Acho que já só falta falar da maneira simpatiquissíma como fomos recebidos pelas pessoas dos serviços municipais de Loures, do jantar oferecido pela Câmara de Loures, da solidariedade das pessoas que nos esperavam à berma da estrada ou aos peitorais da janela nesta cidade. Ah!, e dos policias bem humorados que garantiram a nossa segurança, incluindo aquele que depois "de dois fininhos bem bebidos" já nos oferecia a moto para subirmos a Calçada de Carriche.

Acho que é tudo! Provavelmente haverá muitas mais histórias por contar, por pessoas *diferentes, sensibilidades diferentes*, como haverá quem ache que foi apenas mais uma forma de contestar. De se percorrer mais uns quilómetros na grande caminhada que o nosso Ensino Superior ainda tem que fazer...

Adeodato Valente Pinto

P.S. Fora de um texto, talvez, demasiado pessoal, saliente-se a excelente organização que esta caminhada conheceu, onde praticamente nada falhou e a segurança e bem-estar de todos, foram, na medida dos possíveis, asseguradas.

INTRODUÇÃO

O dossier "Teatro em Coimbra" da "Cabra" deste mês de Abril pretende analisar a situação do teatro na cidade de Coimbra. Perguntas: Quem são os principais protagonistas da cena teatral coimbrã? Quais são as dificuldades com que se deparam? Às respostas que fizemos tentamos algumas respostas nas páginas que se seguem, mas desde já vos avisámos que estas não são absolutas nem pretendem ser de ordem hierárquica ou baseada em juízos de valor, já que se trata de um trabalho em forma de levantamento com as poucas possiblidades que estavam ao nosso dispor.

Este trabalho não esconde, por isso, as dúvidas e as hesitações numa terra onde o teatro ocupa um espaço limitado e com poucas hipóteses de respiração.O próprio roteiro alfabético descobriu uma cena teatral um tanto ao quanto passiva em que muita gente não sabe quem faz o quê, os projectos em que estão envolvidos e aquilo que se está a preparar. Mesmo assim trata-se de um suplemento sem excessivos pessimismos ou optimismos eufóricos, sabendo de antemão que não há uma programação contínua de teatro nem uma *política de divulgação correspondente face* às iniciativas existentes.

Entre as singularidades do teatro em Coimbra contam-se coisas como trabalhar de graça, não ter férias, não saber a quem pedir apoios, grupos com provas dadas sem salas de ensaio ou um gabinete para instalar um telefone, um computador e um fax.Uma cidade onde não há um teatro municipal e em o que o único espaço condigno, apto para receber espectáculos de certa dimensão, é o Teatro Académico Gil Vicente -da Universidade.

No entanto, poucas serão as cidades portuguesas com uma classe média culturalmente forte, uma percentagem elevadíssima de estudantes universitários que aqui vive e que se renova anualmente e ainda uma população juvenil considerável.Há no meio teatral quem, por estas e outras razões, acredite que Coimbra é uma cidade com especiais condições para o desenvolvimento das mais diversas práticas culturais. De facto, um cidade que já foi capital do teatro merecia melhor sorte pois, como é do conhecimento geral, encontra-se desinfraestruturada "teatralmente" falando.Esperemos, portanto, que o futuro seja profícuo em surpresas e melhoramentos.

FN

Este é um dossier que foi idealizado e realizado por: Fernando Nunes, David Bastos, Rosário Salvado, Patrícia Senra, Eduardo Brito, Maria Luis e Manuel Pereira

A Escola da Noite apresenta...

... "A Noite e os seus segredos"...

...uma peça de vários autores, baseada em factos verídicos (versão resumida).

Dia Mundial do Teatro de 1998. A Escola da Noite faz também anos. Seis anos. Para comemorar —um dia em que se lembra o Teatro que por aí se faz e mais um aniversário (que é como quem diz mais um ano de resistência)— abriu o Pátio da Inquisição a todos quantos quiseram conhecer a sua história.

I Acto

Março de 92, Teatro Académico de Gil Vicente. Apesar de a ideia de abrir uma companhia assim já existir, aproveitou a *boleia* de "Coimbra—Capital do Teatro" para se estrear com "Amado Monstro", de Javier Torneo. Conta (até hoje) com o apoio do Ministério da Cultura. Foi o início de várias produções teatrais que ficaram na memória da cidade, essencialmente baseadas em adaptações a partir de obras literárias de autores maioritariamente estrangeiros. Alguns inéditos em Portugal até então (por exemplo: Achternbusch).

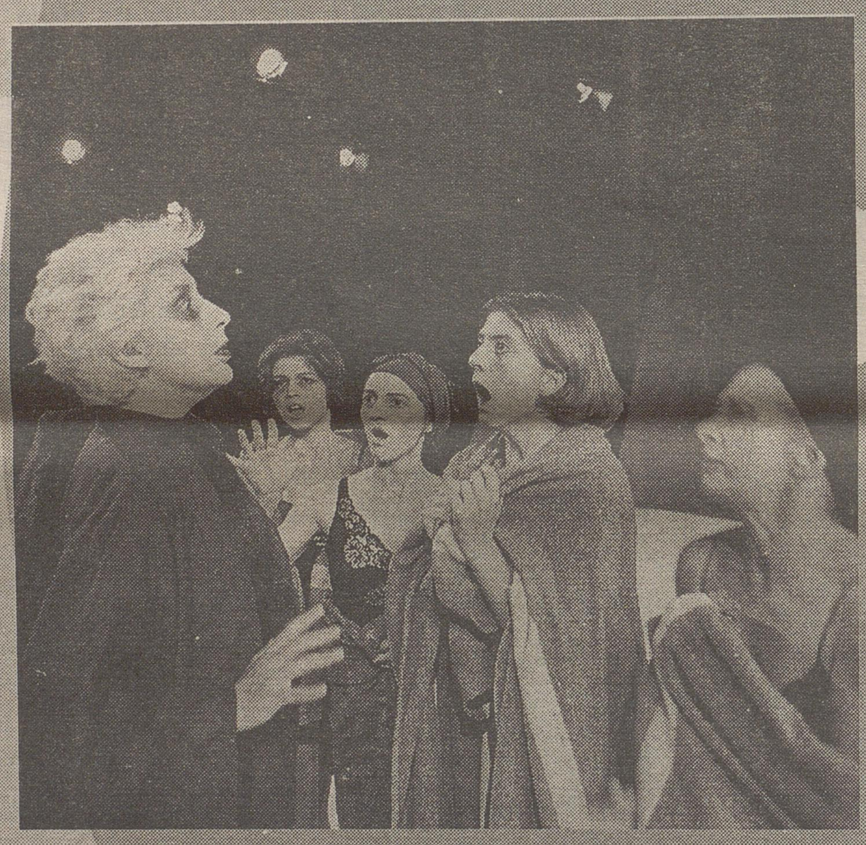
Nesta altura é ainda uma *Companhia cigana*: não tem um espaço próprio. Produz em Coimbra, e depois mostra o seu trabalho por esse país fora, onde a queiram receber. Sofre as consequências de uma política global pouco/mal definida, na área da cultura.

II Acto

1996. Mudou-se e lá foi viver para o Pátio da Inquisição. Já em meados do século XVI antes da "Inquisição" atacar, este espaço era utilizado para o teatro. Na altura chamava-se Colégio das Artes.

As condições são as possíveis. Preparou três cartões de visita para mostrar à cidade a sua nova casa.

O primeiro cartão: "Amores", dois textos que Federico Garcia Lorca escreveu a pensar em teatro de fantoches. Seleccionaram excertos, juntaram, agitaram e daqui resultou "Amores": as aventuras e desventuras de D. Cristobal, Rosita, o pai desta e Cocoliche.



"Beckett—1ª Jornada", o segundo cartão de visita, e "Noites Brancas", o terceiro que não chegou a ser. E por aí adiante.

A fixação no Pátio da Inquisição, apesar de este não ser o espaço ideal, permite ao grupo mais liberdade de movimentos: a capacidade de sair de Coimbra em digressão e manter outro espectáculo em cartaz. A originalidade e especificidade do espaço obriga a uma maior capacidade inventiva do grupo.

III Acto

Com um currículo a que acrescentamos "Bonhard", estreada em 94 (fora da cidade ainda por falta de um espaço), "O Triunfo do amor", de Marivaux, "Mandrágora", de N. Maquiavel, Gil Vicente, que vai regressando ciclicamente às produções da Companhia, esta assume hoje um "*signo de mudança*"...

"As Troianas", de Eurípedes, ou a Tragédia Grega numa tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. O Pátio da Inquisição é animado por leitura de palestras sobre teatro e/ou poesia.

Ainda em 97 iniciam-se estágios remunerados para actores, com a possibilidade de irem ficando por lá.

27 de Março de 1998: estreia, no T.A.G.V. de "O Beijo no Asfalto", exercício/espectáculo pela Cena Lusófona, baseada na obra do brasileiro Nelson Rodrigues e dirigido por José Caldas. A Escola da Noite apadrinhou esta "utopia solidária que é a futura comunidade artística de língua portuguesa".

NOTA: Cena Lusófona: Nome para um estágio pioneiro que reune 15 actores de países de expressão portuguesa e Timor Leste num intercâmbio teatral. "O Beijo no Asfalto" representa a segunda fase deste estágio que terminará com a participação, através de um teatro de rua, na Expo'98.

IV Acto

Obras em casa. Câmara Municipal de Coimbra abre concurso para reabilitação arquitectónica do espaço Pátio da Inquisição/Cerca de S. Bernardo. Um corredor proposto no projecto vencedor abre ao meio a sala utilizada pelo grupo. A Escola da Noite, recolocada no mesmo espaço depois das obras, terá dificuldade em apresentar espectáculos e receber o público naquele local. Ainda não há uma solução alternativa consensual. O espaço será da Companhia ainda, pelo menos, durante dois anos. Com a abertura de estágios, a recepção de espectáculos e apoios a projectos exteriores, o local é cada vez mais exíguo. Dificuldades logísticas. Também aqui são precisas mudanças.

V Acto

Mantém-se em aberto. Apela-se à imaginação de cada um. Mas sobretudo ao público (—Vá ao teatro!), à Escola da Noite (—Continuem com o bom trabalho!) e àqueles senhores(as) de cinzento que resolvem (?) as coisas e fazem (?) o mundo funcionar (— Mais apoios e um espaço—de preferência um bom espaço—alternativo ao T.A-G.V., por favor!). A Escola da Noite deverá agradecer. A cidade também.

Rosário Salvado

José Maria fala de si e do teatro

O Morcego, o teatro e a vida

José Abreu da Fonseca (José Maria), nasceu em 1961, frequentou o curso de Direito na UC, iniciou-se no teatro no TEUC, passou pela Escola da Noite e foi um dos fundadores e principais mobilizadores do grupo do Teatro do Morcego - Laboratório Oficina, cujo elenco integra actualmente. Além de actor e encenador é ainda autor de várias peças de teatro.

Cabra: Foste um dos fundadores do Teatro do Morcego, porquê o morcego?

José Maria: O morcego tem um dispositivo, um sonar, que é um bom símbolo daquilo que se passa com o actor. O actor a partir de preocupações que lhe são próprias vai construindo uma hipotética representação do mundo. O morcego emite ultrassons para construir o seu mundo próprio, com o actor, na construção da personagem passa-se o mesmo. A partir do universo interior vai construindo todo um mundo. Depois, o morcego é uma figura muito simbólica, muito ligada à noite.

C: Por que decidiram fundar uma nova companhia?

JM: O nome do grupo tem uma segunda parte, Laboratório Oficina, que encerra uma espécie de programa do grupo. Nós queriamos distinguir toda uma fase de processos de trabalho relacionados com a construção do próprio actor, de outro momento que é a construção da personagem ou dos desempenhos do actor. Quer dizer, toda uma parte a que chamamos de treino, treino de pesquisa própria, de práctica de processos, sem um fim imediato em vista. Por exemplo treinar a voz não de uma certa personagem mas do próprio actor, trabalhar o movimento não de uma determinada personagem mas toda a expressividade do actor enquanto tal. E um outro momento já de aplicação desses processos à construção das personagens teatrais mais ou menos perfeitas, mais ou menos precisas. A fronteira entre a personagem e o actor não é muito precisa.

C: Uma coisa que se nota muito no Teatro do Morcego, especialmente nas peças em que participaste como actor, é exactamente a interligação entre a personagem e o actor.

JM: Não há uma cisão clara em concreto. Por exemplo Meyerhold, dizia que não queria propriamente construir personagens, queria fazer alusões às personagens. Não queria que os seus actores fizessem personagens com todas as caracteristicas perfeitamente bem definidas, queria alusões às personagens. Por vezes pode não interessar um risco perfeito mas sim um esboço.

Reina o arbítrio na atribuição de subsídios

C: Têm tido vários problemas com a atribuição de subsídios e apoios por parte do sistema...

JM: No ano passado tivemos 2 mil contos de apoios do Ministério da Cultura, este ano vamos ter 3 mil. Simplesmente nós nem sequer sabemos porque é que os temos. Porque nunca nenhum elemento do júri assistiu a alguma peça nossa. Eles sabem lá o que é que estão a apoiar. Podiamos não ter tido nada, podiamos ter tido 10 mil... Reina o arbítrio na atribuição de subsídios por parte do Misnistério da Cultura. Ou as cunhas, as amizades... Eles não tem elementos para fazerem uma apreciação real e efectiva do mérito das companhias. E mesmo que tivessem os meios, é muito discutível que ao estado caiba fazer a apreciação do mérito das companhias.

C: E quem é que poderá fazer essa avaliação?

JM: Isso é uma função dos espectadores e da crítica que são também espectadores. Os apoios do estado devem ser i m i n e n t e m e n t e objectivos, ou seja o estado devia criar uma espécie de desenho de igualdade material entre os grupos, e sobre esse desenho deveria cair uma esécie de papel vegetal que criaria então condições de desigualdade. O estado deveria operar uma espécie de justiça material e depois o público, os mecenas e as instituições privadas apoiariam diferencialmente os grupos que entendessem.

C: E em relação à autarquia?

JM: Em relação à autarquia, mete dó saber que com coisas tão pequeninas se podiam resolver e viabilizar projectos que tiveram de facto algum impacto. Para além do material técnico nós continuamos a não ter uma sala para ensaiar. Hoje estamos no Grémio Operário, na dependência de boas vontades, mas não vale a pena, por exemplo, lavar o chão, porque logo pode haver aí uma festa e fica tudo novamente sujo. Estamos muito gratos ao Grémio, sem eles estavamos tramados. É muito díficil acreditar no projecto. Quando vamos ter um mínimo de condições? Já estamos nisto desde 1994 e continuamos na mesma situação. Nem me parece que fosse muito complicado a camara resolver a situação, é apenas uma questão de boa vontade. Mas eu acho que já não é só falta de boa vontade.

C: Então o que é?

JM: É incuria, comodismo, laxismo, nigligência, inércia. É bons ordenados ao fim do mês, é gostarem muito de turismo, é gostarem muito de jantar bem. É estarem-se completamente nas tintas. E depois só não se estão nas tintas para aqueles que lhes podem fazer frente, que têm esse poder. Temem e porque temem vão fazendo as coisas. Em relação aos grupos que não têm grandes meios para protestar, vão fazendo o que querem, vão tentando gerir as coisas.

A verdade não tem de ser uma cópia da vida

C: Os textos levados à cena pelo Teatro do Morcego, nomedamente aqueles que são da tua autoria, têm todos uma forte componente religiosa e sexual. Há alguma vontade especial de chocar?

JM: Não é vontade, mas não recuso essa consequência. Por exemplo, para o "Eremita..." apeteceu-me escrever um textos sobre conas num registo igual ao dos textos que se escrevem sobre a primavera. Acho que todos nós somos alvos de impulsos em dois sentidos, um sentido concreto, carnal, animal, da nossa natureza e um outro sentido que tenta ou descobrir uma transcendência ou manifestar um desespero por não acreditar em transcendência alguma. Eu pessoalmente acho que o ser humano é muito "puxado" para o céu e para a terra. Está a ser rasgado nesses dois sentidos. Um lado animal em que a sexualidade, a carne, tem grande preponderância e um lado mais etéreo e que indaga da existência de uma transcendência qualquer. As instituições, estado, igreja etc... são algo de que nos apetece rir, algo que vale a pena insultar. lembro-me que n'"O Dependurado", a personagem defende o direito ao insulto. O que é que se pode pensar de um Pápa que não beija o solo de Timor? O que é que apetece? Insultar.

C: O Teatro do Morcego tem algumas imagens de marca muito próprias. A forma como o texto é dito, as palavras são como que metralhadas e por várias vezes cantarolado. Existe alguma intenção especial nisso...

JM: Podes ter um desempenho mais realista ou menos realista. Há uma grande diferença entre o salto de um bailarino e um salto normal para fugir a uma cobra que vai ali a passar. É assim com o movimento e é assim com a voz. A voz pode ser usada num sentido mais pragmático só para as pessoas se entenderem, ou pode haver um aproveitamento da voz do ponto de vista da expressividade. Nós não pretendemos desempenhos realistas, embora pretendamos sempre desempenhos verdadeiros. A verdade não precisa de ser uma cópia do dia a dia, da vida, embora tenha de ter vida.

C: Estiveste envolvido em vários projectos, ao longo de vários anos. Sentes-te recompensado pelo trabalho que tiveste?

JM: Eu estou muito desanimado. Neste momento quem está a puxar a carroça do Teatro do Morcego, quem está a tentar levar as coisas para a frente é a Lúcia Ramos. O meu descrédito não é em relação ao grupo, que tem um projecto muito interessante, mas sim em relação às instituições. Valeu a pena porque me permitiu confirmar uma série de suspeitas. Primeira suspeita: o trabalho pode ter muito mais a ver com trabalho do que com o talento. Segunda suspeita: o problema do teatro não está tanto na falta de dramaturgos, como na falta de formação e treino dos actores. Quer dizer o elemento crucial do teatro não é de facto o dramaturgo, é o actor. Terceira suspeita: o actor encerra em si uma espécie de magma de onde derivam todas as outras artes. Ao actor interessa o movimento, interessa a voz, interessa a literatura...

MP

O ALFABETO DO TEA

"Coimbra— Para eterna vergonha dos que lá nascemos, Coimbra é, há longos anos, um deserto, teatralmente falando: Um grupo universitário, o TEUC, e um outro não profissional, os Bonifrates, dão uma vez por ano sinal de si. Oxalá a Raínha Santa, a que inventou rosas no Inverno, dê urgentemente o seu dela "placet" à fixação de um núcleo profissional nas margens do Mondego. Cité universitaire oblige!"

Manuel João Gomes, in jornal "O Público", Sexta-feira, 8 de Novembro de 1991

Sete anos volvidos sobre a afirmação, fomos à procura do Teatro existente na capital do Mondego-o seu estado de saúde, os que nele trabalham, os que o produzem nos bastidores, os espaços que ocupam e as dificuldades com que subsistem. Um trabalho possível numa terra onde inclusive a universidade continua a ser o grande ponto de referência face ao trabalho teatral existente. A ideia de um roteiro alfabético pretende abrir portas e esclarecer dúvidas perante uma arte que vai funcionando cada vez mais em circuito fechado. A divulgação do que foi feito, do que se prepara fazer e daquilo que está por fazer foi um dos objectivos deste roteiro. O teatro ea arte teatral merece ainda um pouco mais da nossa parte.

ACTUS-Uma mostra anual de Teatro Universitário do país inteiro. A última edição foi em Novembro do ano passado e repete-se muito provavelmente em Junho deste ano.É por este tipo de iniciativas que muitos estudantes universitários começam a dar os primeiros passos nos palcos teatrais e também a viajar pelas várias universidades do país onde tomam contacto com outras realidades do teatro académico. Na última edição do ACTUS, Coimbra fez-se representar pelo TEUC onde apresentou a sua produção "Ensaio 31", texto baseado em "Seis Personagens à Procura de um Autor" de Pirandello e com a encenação de José Neves, e pelo CITAC com "Gog", inspirado no livro com o mesmo título de Giovanni Pappini e no "Livro da Revelação de S.João de Patmos" com encenação de Carlos Curto.

ANIVERSÁRIO-O TEUC faz 60 anos e prepara uma exposição documental sobre o seu longo percurso assim como editará uma revista intitulada "Teatro de Bolso". A juntar às celebrações comemorará ainda o centenário de Frederico Garcia Lorca apresentando a produção teatral "Bodas de Sangue", numa encenação de José Neves.

ALTERNATIVOS-A Dementia Fraterna, grupo de estudantes ligado à àrea da Filosofia, prepara há já algum tempo a leitura do texto "Os Peripatéticos Cantam o Fim de Tarde em Coimbra". É uma leitura livre de um português e de um italiano com música de Luíza Correia, estando a estreia prevista lá para o fim do mês de Maio. A primeira apresentação pública (só para hiper-curiosos !) deu-se no Ateneu de Coimbra e contou com as presenças de Neto Catritas e Afonso Braga.

AUTORES-Actualmente há muito pouca gente a escrever para teatro o que faz com que haja poucos textos encenados de novos autores. José Geraldo, encenador ligado ao CITAC, tem desenvolvido ao longo deste anos trabalhos de escrita teatral que têm desembocado em peças infantis e com algum impacto junto do público. José Maria Abreu, alma-mater do Teatro do Morcego, escreveu a trilogia "Eremita...Histórias de Cu e de Cona" e "O Dependurado..." e a "Amorosa"- mantendo como principal vertente do seu trabalho a apresentação de textos próprios. O CITAC e o seu recente concurso de escrita teatral foram um bom estímulo para muita gente que se aventurou na escrita para os palcos. Oxalá que continue...e parabéns ao Carlos Ramos e ao Paulo Lima - os vencedores do concurso. .

BERTOLT BRECHT-O Teatro Académico de Gil Vicente irá homenageá-lo até Outubro. Correm agora boatos que foi um autor de muitas parcerias e plágios mas não é isso que lhe retira o mérito e o valor de ter sido uma das figuras teatrais mais importantes do século. E que belo e importante tem sido ver e ouvir os seus textos ditos e representados por João Lourenço, Fernanda Alves e o excelente João Grosso no café-teatro.

CADERNOS DO CITAC-Já vai na terceira edição e contém entrevistas à maior parte dos grupos intervenientes no panorama teatral de Coimbra, ainda os textos vencedores do concurso de escrita teatral recentemente organizado, uma súmula de conversas de José Geraldo, assim como um diário de bordo, fotografias, desenhos de figurinos relacionados com a mais recente produção teatral de "Os Oceanos Invisíveis". Se o virem por aí não se esqueçam de o comprar !

CAFÉ TEATRO- Os fins de tarde em Coimbra tem outro encanto com as conversas, debates e conferências que o Teatro Académico Gil Vicente organiza no seu belíssimo espaço do café-teatro. Quase sempre à volta do teatro e abertos ao público, os debates costumam ser em tom informal e contam sempre com a presença de individualidades e pessoas ligadas ao meio teatral.

CITAC- Existe desde 1956 e apresentou recentemente o trabalho experimental "Oceanos Invisíveis" e sempre com o seu teatro estúdio com a assistência permitida. Este grupo de teatro universitário vive essencialmente de um trabalho marcadamente cénico e que ronda os caminhos das áreas performativas. É antiga e bastante curiosa a relação de rivalidade que mantém com os seus "vizinhos" do TEUC.

ENCERRADO PARA OBRAS-Fazem sobretudo teatro para as crianças e dão muita importância à canção enquanto suporte dos textos que representam. David Cruz e o Ricardo têm sido os cantautores deste interessantíssimo teatro para os mais novos.'

COMPANHIA "OS BONIFRATES"- Foi fundada em 1980 e tinha como habitual recurso o trabalho sobre textos dramáticos de autores portugueses. Recentemente apresentou "A Família Dupond", texto de Alicia Guerra e a encenação de João Maria André. Esta texto teatral esteve também na origem de vários debates relacionados com a violência sempre com muito público e interessantes de seguir.

ESCOLA DA NOITE-Fundada em 1992 é a companhia de teatro profissional existente em Coimbra que viu reconhecido o seu estatuto e o seu projecto após Coimbra-

ATRO EM COIMBRA

Cidade Capital do Teatro. Actualmente recebe um subsídio anual do Ministério da Cultura e assumiram-se desde o início como um projecto de itinerância e de cooperação teatral no mundo lusófono. Nestes quase 6 anos de existência montou 16 espectáculos, tendo sido "As Troianas" de Eurípides, com encenação de Konrad Zschiedrich, a sua mais recente produção.

ESTUDANTES- É considerado um público fácil e pouco exigente quanto aos trabalhos teatrais que vai ver. Certamente que há muitos que tiram o curso sem terem visto uma única peça, mas não é por falta de oferta teatral mas sobretudo por falta de interesse.O ano passado na exibição da peça "Mauser", de Heiner Muller e encenação de Paulo Castro, soube-se da presença de cinco estudantes à volta dos 20 anos que se encontravam a ver teatro pela primeira vez. É caso para dizer:"Nunca é tarde para começar".

ESPAÇOS-É uma das áreas mais carentes da cidade de Coimbra devido à exiguidade de espaços para os grupos e agentes trabalharem e por isso a que encontra maior contestação na política cultural exercida pela autarquia. Pode até haver quem tenha excelentes condições de trabalho mas há também gente que se queixa da falta de condições minimas de trabalho.

GEFAC- Dedica-se com bastante intensidade ao teatro popular, sobretudo o teatro mirândês. "A Vida Alegre do Brioso João Soldado" foi a sua última produção e é sabido que correu o país em digressão.

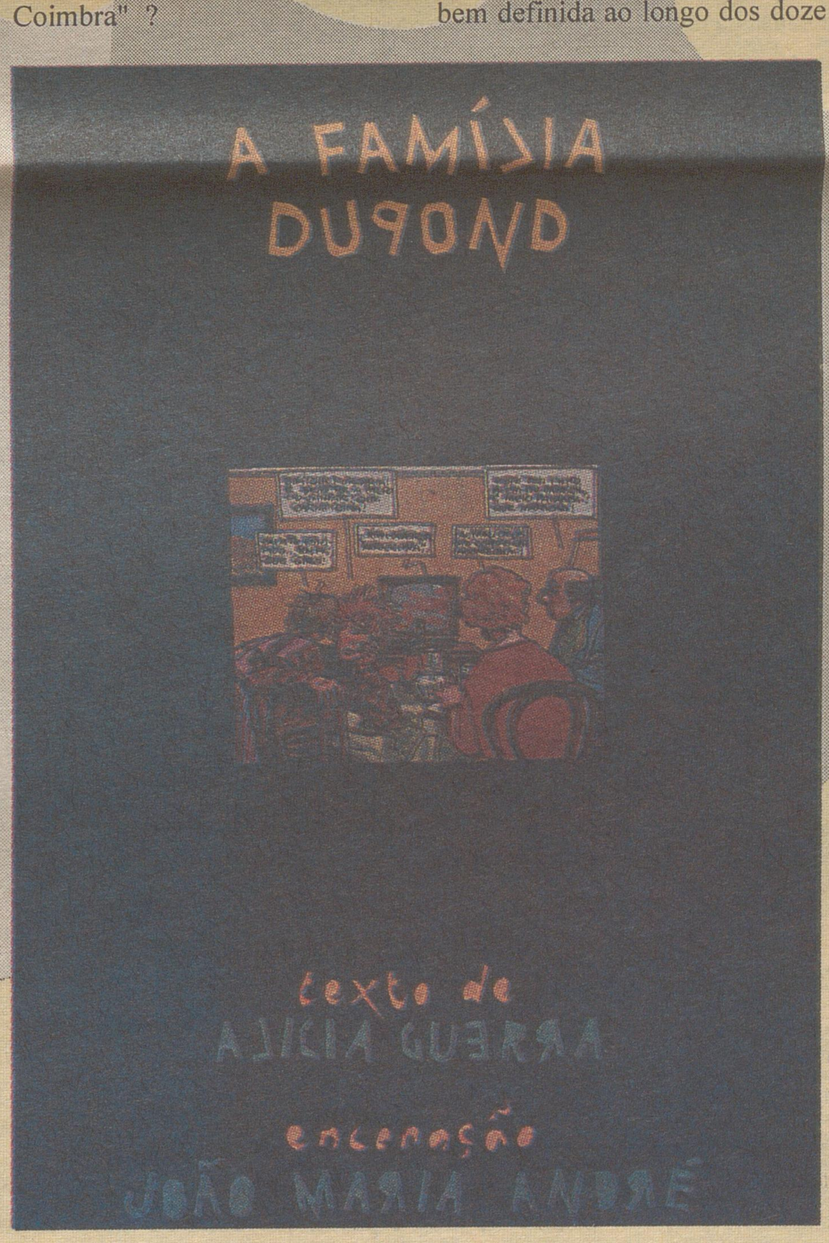
INATEL-Abriu o seu terceiro curso de Iniciação ao Teatro "Boca de Cena" com a duração de um mês durante o passado mês de Março. O curso é ministrado por Pedro Silva da Companhia "Os Bonifrates".

GRÉMIO OPERÁRIO- Apesar do espaço se encontrar degradado e a precisar de obras, realizaram-se por lá muitos eventos de cariz teatral. O "Solar 44" nas festividades do seu centenário apresentaram neste espaço duas peças de teatro de grupos universitários aqui vizinhos : "Maria Não Me Mates que Eu Sou Tua Mãe" do grupo Inestética de Vila Franca De Xira e "Cócó e Ralheta", do Teatro da Academia de Viseu.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA- É professora jubilada na Faculdade de Letras de Coimbra e tem vindo a desenvolver um trabalho inestimável na promoção e e divulgação dos estudos e conhecimento da Antiguidade Greco-Latina.O espaço do Pátio da Inquisição tem acolhido muitas palestras suas sobre o teatro clássico retomando a autora uma ligação já antiga ao teatro, e que remonta à década de 50 quando, com Paulo Quintela, foi responsável pela tradução de clássicos como "Medeia" e "Antígona", que seriam posteriormente apresentados pelo Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra. Recentemente fez a tradução directa do grego de "As Troianas", de Eurípides, peça levada à cena pela Escola da Noite na altura do seu 5ª aniversário.

PÁTIO DA INQUISIÇÃO- Este é provavelmente o espaço mais condigno para a prática exclusiva de teatro apesar de ser um lugar recôndito e afastado da Praça da República. A primeira vez que se apresentou um espectáculo de teatro neste espaço, corria o ano de 1550, reinava D.Afonso III, a inquisição ainda não queimava e o edificio chamava-se Colégio das Artes. A peça, de que não há registo do nome, era uma comédia em latim ao estilo das de Plauto.

REVISTAS DE TEATRO- Praticamente não se sabe da sua existência. Os grupos quando apresentam as peças dão sempre material informativo e elaboram material subjacente e relativo às peças, mas falta alguma coisa que divulgue e aproxime os agentes teatrais dos vários públicos teatrais interessados. A revista "Sete Palcos" acabou de editar o seu segundo número e dedica-se sobretudo à cena lusófona e cumpre nesse âmbito a sua função. Há alguém que se queira aventurar a fazer uma revista sobre o "Teatro em Coimbra" ?



SOUSA BASTOS - Era o sítio ideal para um espaço alternativo ao sobrecarregadíssimo TAGV e local preferencial para a passagem de um outro tipo de teatro mais jovem e provavelmente com outras ambições que não os grandes palcos. No futuro prevê-se que será convertido numa residência universitária e ao que tudo indica não irá cumprir uma possível missão que lhe podia estar destinada - a animação daquela parte alta da cidade.

SUBSÍDIOS- É ponto assente que o teatro não existiria em Portugal sem subsídios estatais e é frequente ver gente nos jornais a disparar em todas as direcções. O público na maior parte das vezes nem se apercebe do que se passa mas há também quem levante a voz no sentido de cortar os subsídios."Os actores que trabalhem", dizem eles. Essa é que é essa!

T.A.G.V-Neste teatro existe uma programação estruturada e bem definida ao longo dos doze meses do ano. É o grande espaço da cidade dedicado às artes do espectáculo e cumpre em certa medida a função de teatro municipal. Por isso é que todos querem ir lá representar ou mostrar os seus trabalhos. O teatro é uma das áreas privilegiadas na sua programação e não há semana onde não seja possível ver por lá teatro ou escutar pessoas a falar sobre as artes cénicas e representativas.

TEATRO DO MORCEGO - Fundado em 1993 e a mais recente encenação foi "O Libertino", peça apoiada em textos de Luiz Pacheco, dramaturgia de José Maria Abreu e encenação de Carlos Curto. Actualmente ensaiam a peça "Calaremos Até Morrer" de Sam Shepard, que estreará no Festival Fazer-a-Festa no Porto ainda este mês. Para Julho está prevista uma peça da autoria de Bénédict Houart, um dos elementos do grupo, numa co-produção com o TAGV.

TEATRÃO- Apresentou recentemente a sua peça intitulada "Hotel Luso"no Teatro Académico Gil Vicente e prepara-se para apresentar este trabalho na Expo.

TEATRO PAULO QUINTELA- A Faculdade de Letras prepara-se para remodelar e modernizar este espaço que virá colmatar algumas dificuldades em termos de espaços existente na cidade de Coimbra.

TEUC- É composto por uma nova direcção que tem sido confrontada com todo o seu peso institucional. É o mais antigo grupo de teatro universitário português e organiza conjuntamente com o CITAC o ACTUS. Actualmente trabalha na peça de Federico Garcia Lorca "As Bodas de Sangue" enquanto vai celebrando os seus 60 anos de existência com variadíssimas iniciativas.

UNIVERSIDADE- Há dois cursos livres na Faculdade de Letras : um sobre a História do Teatro Português e outro sobre a História e Estética do Teatro, ambos pertencentes ao Instituto de Estudos Teatrais que é dirigido pelo professor Oliveira Barata. Não é suficiente mas é o melhor que se pode arranjar.

Fernando Nunes

Rui Malheiro, 25 anos, CITAC

Figurinista

A Cabra: Quando é que iniciaste o teu trabalho no teatro?

Rui Malheiro: Eu vim para o teatro aqui em Coimbra porque já tinha feito teatro amador quando era puto num grupo de casino, no corpo de bailado, que gradualmente se tornou num grupo de teatro paralelo. Depois abandonei por completo e vim para Coimbra trabalhar como designer de moda e, a determinada altura, surgiu a possibilidade de tentar o curso de iniciação teatral do CITAC. Foi assim que a coisa começou. Então reactivei o " bichinho" novamente e acabei por tomar a opção de seguir a via teatral, até agora.

C: Como é que é fazer teatro?

RM: Há uma coisa fundamental, que é a tesão do trabalho de teatro, a energia de grupo. Havendo energia de grupo, há um preenchimento da minha satisfação pessoal no trabalho que estou a desenvolver. Por vezes isso nem sempre é tão fácil. Mas a satisfação vem pelo aplauso final do público. E durante o próprio espectáculo também há uma resposta, sente-se a energia do público. Se o público não está a gostar, tu sentes isso em palco e isso influencia também a tua energia de continuar a dar resposta. É um feedback que é muito importante, entre o público e o actor.

C: Tu és também figurinista, não é?

RM: O trabalho de figurinista vem por causa da moda. A minha mãe é modista e era figurinista dos grupos de teatro com quem trabalhei. Eu comecei a acompanhar o trabalho desde muito puto. Não sei dizer-te a altura exacta, porque quando dei por ela já lá estava. Depois tirei o curso de design de moda. Fui representar Portugal lá fora muitas vezes e ... pronto, saí-me bem. E comecei a receber propostas para trabalhar com grupos de teatro e grupos de dança. É um estímulo completamente diferente. Tu na moda tens de fazer coisas que sejam vendáveis, e isso limita um bocado o teu poder criativo. Trabalhando como figurinista de teatro toda essa vertente de criação é posta à flor da pele. É extremamente sensitivo, o trabalho de criação de moda dentro do teatro. É extremamente estimulante e gratificante. O figurinista tem de conhecer o guião tão bem como os actores, tens de conhecer a movimentação dos actores, o desenho de luz, a banda sonora e tem de assimilar o espírito que é pretendido no projecto. O problema é que às vezes há uma ideia que agrada ao figurinista, ao encenador e aos actores e ... não há dinheiro. E depois podes recorrer a outro tipo de materiais, ou outro tipo de coisas, mas já estás a cortar na ideia criativa original.

C: Pretendes ir além do âmbito do teatro universitário?

RM: Depois de ter chegado à conclusão que realmente queria beber mais do teatro, surgiu a oportunidade de de ir para A Escola da Noite. Mas não faço tenções de ficar por aqui, de forma nenhuma. Pretendo sair do país para estudar teatro. Talvez vá para Londres, ainda não sei .

C: E as escolas portuguesas?

RM: O Conservatório Nacional não me seduz minimamente, porque o conhecimento que me chega do Conservatório, que é o que nós mais conhecemos em Portugal, não difere muito da experiência que vou tendo dentro do teatro universitário. E eu quero mesmo é ter o maior número de experiências possível. Tenho curiosidade em conhecer muitas pessoas, saber os métodos. Sempre que tenho a oportunidade de fazer workshops fora daqui, vou. Tento ter uma visão prática, que é estar a exercitar as coisas o mais possível.

David Bastos

Ilda Teixeira, 32 anos, 2º ano de Estudos Portugueses, CITAC

Actriz

A Cabra: Quando é que começaste a fazer teatro?

Ilda Teixeira: Eu já faço teatro há dez anos e a primeira coisa que fiz quando cheguei a Coimbra foi, antes de ir à Faculdade, inscrever-me no CITAC.

C: Porquê esse interesse pelo teatro?

IT: Surgiu assim de repente, nem sabia se gostava muito de teatro nem nada. Depois dei comigo a fazer teatro num grupo amador e gostei. O "bichinho" ficou cá dentro e agora não posso parar.

C: Como consegues conciliar o curso com o trabalho aqui no CITAC?

IT: É muito difícil. Só para te dizer, ainda não fiz nenhum exame. O ano passado consegui passar, com notas fraquitas, mas lá consegui.

C: Mas o teatro é a tua prioridade?

IT: Não deveria ser, só que é uma coisa quase inconsciente. A partir do momento em que estou ligada, não é que me esqueça do curso, mas... é uma coisa muito forte e, quando dás por ti, estás completamente envolvido e deixas o resto.

C: Quais são os momentos mais gratificantes no trabalho de uma actriz?

IT: Em primeiro lugar, são os aplausos do público. Eu, enquanto espectadora, emociono-me na mesma quando penso naquilo que o actor está a sentir, porque é uma grande emoção estares no palco e estarem a agradecer-te com palmas. É mais que tudo, é mais que dinheiro. E depois é o poder que tens de ser outra pessoa, de seres aquilo que muito bem entenderes e de jogares com toda a tua sensibilidade e com tudo aquilo que tens dentro de ti que muitas vezes nem descobririas se não fosse o teatro.

C: Em que trabalhos participaste recentemente?

IT: O Inquietudes, o Gog, na Madeira também fiz " O Mar" do Miguel Torga...já fiz tanta coisa!...

C: O que é que mais gostaste de fazer?

IT: "Corpo e Alma". Por acaso foi um texto que eu escrevi e se calhar foi engraçado porque escrevi e senti e passei para a cena. Isso fez-me sentir completa.

C: Onde é que foi isso?

IT: Na Madeira e também em Lisboa, no Teatro da Trindade, num festival de teatro.

C: Tens algumas correntes teatrais preferidas?

IT: Eu acho que o teatro é a arte de comunicar e não tem de ser nenhuma instituição nem tem de ter regras muito forçadas das formas de fazer teatro. O teatro pode ser feito de várias maneiras. Pode ser um espectáculo musical só com expressão corporal e ser teatro. Mas o teatro que eu prefiro ainda é o teatro da palavra.

C: Gostavas de fazer do teatro a tua profissão?

IT: Gostava de fazer teatro, mas não queria depender totalmente do teatro para sobreviver, quero ter outra arma. Eu gosto muito de teatro, mas não estou disposta a fazer de tudo e passar por cima de muita coisa para chegar onde quero.

C: Qual é a situação do teatro português?

IT: Acho que já andou pior, em termos de público. É óbvio que a afluência ao teatro nunca é tão grande como a do cinema, mas se calhar é porque o teatro não tem acompanhado a evolução das pessoas. Se calhar é essa a falha do teatro. E hoje em dia está-se a apostar no teatro da imagem e da música. Porque mais do que a palavra vale a imagem e acho que o teatro também pode seguir esse caminho, que é o de tentar acompanhar a evolução da sociedade.

David Bastos

José António, 20 anos, estudante de Medicina, TEUC

Actor

C: O que te levou a participar no curso de formação do TEUC?

JA:Sempre gostei muito de teatro. Quando cheguei a Coimbra, uma cidade universitária, onde nos oferecem a oportunidade de experimentar aquilo de que gostamos, decidi participar, não com o objectivo de seguir uma carreira, mas para ver como é. Torna-se também um complemento da minha vida académica.

C: Como é que consegues conciliar as actividades do TEUC com os teus estudos?

JA: Arranja-se sempre tempo, com um bocado de esforço.

C: Já realizaste alguns trabalhos aqui no TEUC...

JA: Poucos. Participei no curso de formação, que finalizou com o exercício "Ensaio 31", apresentado em junho e julho do ano passado. Trata-se de uma adaptação do texto "Seis Personagens Em Busca de Um Autor". Depois trabalhamos com José Geraldo e David Cruz na peça os "Burrogalos", teatro para a infância. Neste momento estamos atrabalhar nas "Bodas de Sangue", com o Zé Neves e o Frederico Garcia, que estreia no Gil Vicente no dia 15 de junho.

C: Que avaliação é que fazes do teatro universitário?

JA: O seu problema principal reside no facto de não ter um enquadramento legal, enquadramento relativo ao teatro amador ou ao teatro profissional. Não digo que o teatro universitário esteja no meio termo, mas tem caraterísticas muito específicas. Umas retira-as do teatro amador, visto que não somos remunerados nem temos fins lucrativos; outras retira-as do teatro profissional, dado que contratamos profissionais para trabalhar connosco. Isto levanta problemas quer na atribuição de subsídios, quer na busca de apoios, o que coloca o teatro universitário numa situação de difícil subsistência.

C: Em termos mais gerais, queres falar do teatro em Coimbra?

JA: Não considero que se tenha desenvolvido. Existem alguns grupos profissionais, mas estão praticamente estagnados.

C: O que consideras que se podia fazer para alterar a situação?

JA: Passa um pouco pela oferta. Se as promotoras oferecerem espetáculos de qualidade e houver uma rede de informação e distribuição, as pessoas sentir-se-ão mais incentivadas para ir ao teatro. Também as autarquias podem colaborar dinamizando e restaurando os teatros que existem. É ainda importante que se eduquem as crianças a gostar de teatro e a participarem nos espectáculo teatrais. É também necessário dignificar a carreira do actor, que é o eixo de toda a prática teatral. Em suma, alterar a situação do teatro passa por uma série de aspectos que envolve a sociedade em geral, quer a nível de relações humanas, quer a nível de profissão.

C: Achas que a carreira de actor não está dignificada?

JA: Um actor ganha mal; tem uma profissão incerta, tornando-se difícil fazer carreira. Muitas vezes é forçado a fazer telenovelas, trabalhos que não são específicos dele. Existe muito o que se costuma chamar videocracia, isto é, as pessoas estão presas à imagem, ao espectáculo televisivo. É um factor que estraga muito a prática do actor, que tem uma especificidade própria e não devia haver esta "prostituição" da sua profissão.

C: Uma questão relativa ao público, que apreciação é que fazes da sua atitude, nomeadamente o universitário, uma vez que temos dois grupos na academia?

JA: O público do teatro universitário é muito selectivo. Em qualquer espectáculo encontras sempre as mesmas caras. Mas o que eu constacto, no geral, é que muito público fica descontente por maus espectáculos a que assistiram. A forma de alterar esta visão passa por apresentar boas produções.

Patrícia Senra

Cooperativa Bonifrates

A Bonifrates já existe há 18 anos. Em Janeiro de 1980, começou por se chamar Cooperativa de Produções Teatrais e Realizações Culturais, passando a ser uma companhia profissional. Dedicava-se não só ao teatro, mas também à emissão de textos, publicação de livros e fomento da cultura em geral.

A primeira peça levada à cena foi "Ibéria-Sector 5", em Dezembro de 80. No ano seguinte foi criada a Unidade de Infância e Juventude que se transformou depois em Companhia profissional para adultos.

As primeiras instalações da Bonifrates foram no Cine-Teatro Sousa Bastos e só quando este caiu houve transferência para o Edifício Avenida. Actualmente, o teatro-estúdio da cooperativa é na Casa Municipal da Cultura de Coimbra.

Em 84, extinguiu-se a companhia profissional de teatro, existindo desde essa altura um grupo não profissional, o que é diferente de amador. Por causa dos subsídios (que são poucos) e devido ao tempo necessário para dispender em projectos como este (que também é pouco) a cooperativa não se pode tornar profissional. Mas o teatro amador é fundamental, já que são os amadores que fazem o público para o teatro profissional. Por um lado, as pessoas ficam mais exigentes e tentam uma melhor qualidade ao assistirem a trabalhos bons. Por outro lado, inicia actores e técnicos. No teatro amador há uma exigência de menor rigor, onde alguns erros são desculpados.

A Câmara Municipal de Coimbra oferece um apoio anual e também de espaço: foi a Vereadora da Cultura - Dra. Teresa Portugal- que ajudou a estabelecer um protocolo em relação às instalações actuais na Casa da Cultura. Houve também um subsídio da delegação da Secretaria de Estado da Cultura na sequência de uma proposta desta para um curso de iniciação de teatro para amadores. Este curso, dado aos fins-de-semana, consistia em linguagem teatral, preparação de actores, cenografia, produção de espectáculos e dramaturgia.

Nos finais do ano passado, estreou a peça "A Família Dupond"—texto de Alicia Guerra com encenação de João Maria André. Além da peça, que versa sobre a realidade-violência, houve na mesma altura um ciclo de cinema, colóquio e exposições.

"Magos e Feiticeiras nos paços de Mestre Gil" é um espectáculo realizado em escolas —9º a 12º anos. Trata-se de um universo de personagens criadas por Gil Vicente, por onde passam os principais tipos sociais do seu tempo —desde reis e nobres a diabos, profetas, vilãos, soldados e outra gente do povo. Apenas um actor interpreta as várias personagens, durante a peça inteira, tendo apenas um ajudante.

Actualmente, a Bonifrates prepara a peça D.João —de Moliére— que vai estrear, em princípio, no mês de Maio. No fim do ano, está previsto um teatro musicado em homenagem a Brecht e Garcia Lorca.

Maria Luís Marinho

Companhia de Teatro Boca de Cena

É uma Companhia profissional, que existe há 4 anos e é composta por três elementos fixos e alguns volantes. É o único grupo que tem por objectivo tanto o público adulto como o infantil/juvenil, dedicando-se a um levantamento de espaços culturais em todo o distrito.

Especialmente dedicada às crianças, como área de formação, estão os palhaços. Tenta-se transmitir-lhes que o palhaço é um homem normal que se pinta para fazer arte. Ao seguirem a transformação do homem, as crianças aprendem a pintar, brincando. Aprendem que as palmadas que os palhaços dão, por exemplo, não são um apelo à violência, mas sim um fingir que se dá. O palhaço aparece, assim, na sua expressão plena e não pintado como uma colagem. As crianças são muito especiais: não são actores adultos, embora em cada actor adulto devesse existir sempre uma criança.

Outros cursos de formação desenvolvidos representam uma iniciação ao teatro: aprende-se a colocar a voz, a exprimir o movimento, a conhecer o espaço do palco, a expressar interiores e a desenvolver o improviso. Durante os fins-de-semana do mês de Março, decorreu o terceiro curso. Aprendeu-se que "o actor não é mentiroso, porque está num jogo de faz de conta, mas com sensações verdadeiras. Ele não representa: vive o conflito e ama violentamente cada coisa boa que um personagem lhe dá. O actor não atinge auge nenhum porque está sempre a aprender e vai-se formando com o que bebe nessa aprendizagem, o que faz dele uma pessoa diferente".

O teatro de rua é outro domínio sobre o qual se inclina o Boca de Cena. Estão previstos vários espectáculos de rua em algumas cidades do distrito e, nomeadamente, em feiras medievais.

Todos os grupos teatrais em Coimbra têm um espaço: a Escola da Noite é um teatro de cidade, de grandes centros, o Teatrão dedica-se à infância, o Morcego tem um público restrito, o CITAC e o TEUC são teatros universitários. O Boca de Cena engloba as áreas de conversação teatral destas estruturas e junta-as, chegando onde cada uma de per si não chega, por não se dedicar a todos os públicos ao mesmo tempo.

Este ano pensam levar a palco 3 ou 4 produções. "Abel, Abel" estreou no dia 25 de Março e seguirá para Chaves, Braga e Viana do Castelo, regressando a Coimbra em Maio. "Memórias de uma mulher fatal" estreará em fins de Outubro e "Os amores de D.Matraca" —de Helnut Petrovics— em Dezembro ou Janeiro.

A Companhia agradece a sua sobrevivência ao curso que o Ministério da Cultura ofereceu, já que a ensinou a viver sem o seu patrocínio, e aos apoios efectivos do alto patrocínio da delegação do Inatel em Coimbra —cujas instalações servem de palco ao Boca de Cena—, o apoio anual da Câmara Municipal de Coimbra, e eventualmente do Dr.Vitor Baptista e da delegação fantasma da Secretaria de Estado da Cultura.

O dia 27 de Março, data do 4º aniversário deste grupo e que coincide também com o Dia do Teatro, foi comemorado com um espectáculo. Pedro Santos, responsável pela Companhia e também actor na Bonifrates, destaca, porém, que "não há Dia do Teatro, mas apenas oportunismos diários usando o teatro. Este, como arte, não pode ser vendido, tem que ser ensinado". Em relação à qualidade do teatro em Portugal e, mais especificamente em Coimbra, "não é verdade que o teatro esteja em crise. A realidade é que existe um lobby que pertence a pretensos pseudo-intelectuais (que é necessário distinguir dos intelectuais e dos verdadeiros pseudo-intelectuais). O nível é bom mas tem que haver temas para as críticas serem construtivas e não de escape. Coimbra não vive como Lisboa, onde há competição de qualidade —se é que isso não é uma utopia."

MLM

Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

Arte contemporânea para todos

A arte contemporânea tem mais um espaço de divulgação em Coimbra. No passado dia 14, o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra inaugurou as suas novas instalações no edifício da Casa Municipal da Cultura.

O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) inaugurou um mini centro de arte contemporânea no passado dia 14 de Março. Situado no edifício da Casa Municipal da Cultura, este novo espaço é considerado por Victor Diniz, director do CAPC, como um local único no nosso país.

"A ideia foi fazer um local onde se pudesse criar um contexto contemporâneo no âmbito das artes plásticas, de modo a que as pessoas pudessem ver, informar-se e relacionar várias matérias", explica Victor Diniz. Ainda segundo o director do CAPC, o propósito da instituição é "estar dentro do nosso tempo e levar a arte contemporânea ao maior número possível de pessoas".

Este centro de arte é constituído por três galerias de exposição, um auditório, um pequeno cyber-café ,uma sala de visionamento de vídeo e uma livraria de arte contemporânea, que é, nas palavras de Victor Diniz, um "sítio único em Portugal, porque nenhum local no nosso país tem em simultâneo as publicações que nós temos". Quem visitar o CAPC pode ainda usufruir de uma esplanada e de um restaurante com ementas exóticas, que funciona pelo sistema de encomendas.

Estas novas instalações são "um espaço que projectámos e fizemos sozinhos; a Câmara [Municipal de Coimbra] só cedeu o espaço", afirma Victor Diniz. O edifício, que neste momento alberga uma exposição do escultor Sebastião Resende, era um depósito de jornais da Casa Municipal da Cultura e foi completamente remodelado. O director do CAPC lamenta a falta de apoios financeiros e não esconde o seu desencanto com a atitude da Universidade face à cultura.

Coimbra "parece às vezes, com o devido respeito, uma cidade de agricultores e não uma cidade de estudantes e de pessoas que estão a procurar e a especializar o conhecimento", desabafa Victor Diniz. O director do CAPC pede mais apoios financeiros para uma instituição que tem sobrevivido com o dinheiro de patrocínios, de acordos de mecenato, de subsídios da Reitoria e de subsídios de entidades de apoio a projectos culturais.

O CAPC quer criar um público fiel e vê nos estudantes universitários um excelente público para cativar. Victor Diniz alerta para a necessidade de apagar "aquele estigma de que o que está para trás é bom, o que é para a frente é mau" e lança o desafio aos professores universitários e a todas as estruturas universitárias para que se empenhem na divulgação da arte contemporânea.

A educação não será excluída das actividades do CAPC, que promoverá ao longo deste ano ciclos de cinema, conversas com artistas e críticos e, se for financeiramente possível, leccionará uma aula semanal sobre arte contemporânea. Segundo Victor Diniz, o centro tentará também reforçar a sua ligação com o estrangeiro, estando já acordada uma co-produção com o CCC de Tours, um centro de arte contemporânea em França. Previstos estão também intercâmbios com Glasgow no final do ano e com o Rio de Janeiro e São Paulo no início de 99.

Hugo Sousa

Cordão Humano de solidariedade por Timor

12

Contra todas as conspirações do silêncio

Coimbra uniu-se por Timor. Milhares de pessoas encheram as principais ruas da cidade, associando-se à corrente humana organizada pelo Instituto Superior Miguel Torga, em colaboração com a Câmara Municipal. A manifestação terminou com o discurso de Ramos Horta, aplaudido silenciosamente por milhares de velas.

"Os 700 mil habitantes de Timor têm uma extraordinária força de resistência contra indonésios e contra todas as conspirações do silêncio, da hipocrisia e da traição das grandes potências". Assim se dirigiu Ramos Horta, Prémio Nobel da Paz, à multidão que enchia a Praça 8 de Maio, cerca das 20 horas do dia 18 de Março.

Horas antes, aproximadamente 1600 pessoas vestiam uma faixa branca de cerca de cinco quilómetros, ao longo da qual se repetiam a negro as palavras "Por Timor". Iniciava-se uma das maiores marchas de solidariedade alguma vez realizadas no nosso país. Este evento, organizado pelo Instituto Superior Miguel Torga (ISMT) em colaboração com a Câmara Municipal, uniu dois objectivos: a solidariedade por Timor e a promoção do próprio instituto.

A corrente humana foi reforçada pela presença de algumas escolas, agrupamentos de escuteiros e sobretudo por milhares de cidadãos que quiseram mostrar, desta forma, o seu apoio à causa timorense. Encabeçando a marcha, seguia um grupo de timorenses, de semblante carregado e postura silenciosa, que, esporadicamente, acompanhava o dedilhar de uma viola, entoando hinos de libertação. Atrás deste grupo, seguiam os demais manifestantes, alguns deles empunhando cartazes, onde se lia, por exemplo, "Timor Leste não é IndoAMnésia" e envergando T-shirts alusivas à resistência do povo maubere. De todas as idades, de ambos os sexos e de várias etnias, a corrente humana esperou pelas 20 horas para, em frente à Câmara Municipal, saudar, com milhares de velas acesas, o Prémio Nobel da Paz, José Ramos Horta.

"Quem deveria estar aqui (...) é um dos maiores filhos de Timor, um dos maiores produtos da nossa luta, poeta, jornalista, maior intértrete da língua portuguesa". Foi desta forma que Ramos Horta evocou Xanana Gusmão, lembrando que ele é o primeiro representante do povo de Timor. Xanana continua prisioneiro em Jacarta "a 2 mil Km da sua terra natal, por um crime também cometido por Nelson Mandela. O mesmo crime que levou milhares de portugueses a fugirem para França: o de alguém que deseja paz e liberdade", denunciou o diplomata.

Agradecendo a Portugal e aos países de expressão portuguesa o apoio dado à causa timorense, Ramos Horta acusou as grandes potências mundiais de hipocrisia, já que "vendem armas e falam de direitos humanos (...): é a preversão do que é ético e moral". Recordando que a resistência timorense sobreviveu a vários ministros ingleses, a vários presidentes franceses e americanos, Ramos Horta afirmou, esperançado, que "Timor independente pode ser realidade nos próximos anos, porque o regime indonésio está em decadência".

Os discursos foram enriquecidos com a mensagem de vídeo enviada por D. Ximenes Belo a partir da Universidade Salesiana de Roma. O bispo de Dilí pediu ajuda para os jovens de Timor, a quem Coimbra pode proporcionar bolsas de estudo.

Em nome da cidade, Manuel Machado, presidente da Câmara Municipal, afirmou não ter ficado surpreendido com o número de pessoas que se juntou na manifestação. "Coimbra é uma cidade solidária, universalista, de cultura e de juventude (...) determinada a expressar e manifestar a sua solidariedade e estima para com a luta do povo timorense, que tem todo o direito à autodeterminação e que é barbaramente oprimido pela ditadura, pela tirania do povo indonésio", disse ao nosso jornal Manuel Machado.

Esta opinião é também partilhada por Arlindo Fernandes, timorense, que esclarece: "a nossa luta não depende só do nível diplomático. É muito importante a sensibilização do povo". Sensibilizado estava também João Paulo Wadhoomall, filho de pai timorense, que confessou o desejo de conhecer Timor: "O sonho dos meus sonhos é ir a Timor, para ver com os meus olhos e não ter que me basear em imagens fictícias que o meu pai me conta".

O cordão humano, que nas palavras de Amaral Dias, director do ISMT, tinha "o tamanho imaginário da terra", ficou iluminado pelas velas que se ergueram e que depois continuaram a arder na calçada da Praça 8 de Maio, alimentando o sonho à autodeterminação, contra todas as conspirações do silêncio.

Hugo Sousa
Sofia Branco
Susana Ribeiro
Colaboração de Sandra Marques

Boris Pasternak: o poeta da vida

Boris Leonidovitch Pasternak nasce em 1890 em Moscovo, vindo a falecer em 1960 em Peredelkino. A sua família estava fortemente ligada à Inteligentzia russa: o seu pai, Leonid, era um conhecido pintor e a Mãe uma conhecida concertista. O ambiente da sua juventude propiciou um pano de fundo excelente para a sua formação cultural, aprendendo inúmeras línguas e conhecendo grandes vultos das letras do mundo, como por exemplo Rainer Maria Rilke, estando o primeiro encontro de Pasternak com Rilke descrito no ensaio autobiográfico Salvo-Conduto.

Inicialmente procurou Pasternak servir as musas através da música, sob o impulso da sua mãe, mas cedo a sua paixão se virou para a filosofia, indo estudar para Marburgo, na Alemanha, com o mestre neokantiano Cohen. Mas, tragicamente, o seu destino era a poesia. Apanhado pelo choque estético da literatura russa do início do século, Pasternak é levado por Maiakovski pelas sendas do cubo-futurismo, juntando-se ao movimento Centrifuga .

Dentro do grande acervo de obras de Pasternak salienta-se obviamente a poesia.

O estilo de Pasternak caracteriza-se por um impressionismo transportado para o texto, pela imensa veneração pela vida e pela natureza extravasada nos sentimentos simples e puros. As suas primeiras obras são Por baixo dos obstáculos (1914-1916) e Minha irmã, a vida de 1917: "Deixemos cair as palavras, como um jardim o seu fruto, disperso e generoso, quase, quase, quase...é um enigma a existência para além, mas eu sei: a vida, como o silêncio de Outono, é minuciosa". Posteriormente escreve Temas e Variações (1916-1922): "Começam assim: aos dois anos são arrancados do colo da mãe para o mistério das melodias, gritam, assobiam, aparecem as primeiras palavras aos três anos...e assim morre o medo. Alguma estrela está suficientemente longe quando se é Fausto, quando se é sonhador? E assim começam os ciganos.(...) E assim se começa a viver de poesia" . Esta fase da obra poética de Pasternak culmina com o poema Alta doença , em estilo marcadamente cubo-futurista, com um estilo bastante próximo de Maiakovski.

Mas neste momento da vida de Pasternak dá-se o grande corte de Copérnico: Pasternak vai deixar de emular uma estética que o espartilha, que o prende, uma estética que cada vez mais é programada pelo regime, na procura de uma Proletkult que a União de Escritores de Esquerda (L.E.F.), agora soberana do mundo das artes da União Soviética, procurava impor como última via. Vladimir Maiakovski, impulsionador inicial do Cubo-Futurismo russo e da literatura proletária para ser lida "em voz alta", vencido pelo rumo das coisas, pela liberdade artística evanescente, suicida-se em 1930. O corte coperniciano de Pasternak surge já em 1931 com Segundo Nascimento . Rompe com todos os temas aprovados de cúpula: atinge a arte que sempre procurara. Como muitos outros, vê os seus livros proibidos, o seu nome no index dos escritores proibidos de publicar. Começa a publicar em samizdat , a recitar entre grupos de amigos. Recusou-se a emigrar, sendo desterrado para Peredelkino, vila nos arredores de Moscovo, onde se rodeava de intelectuais caídos em desgraça. É activo o trabalho de Pasternak: não podendo publicar obras suas, fazia traduções de Shakespeare, Byron, Goethe... E muita poesia e prosa em segredo.

E a crença cristã na magnitude e grandiloquência do demiurgo chegou ao apogeu...

Em 1957 publica a sua obra em prosa, Doutor Jivago , em Itália, pela editora Feltrinelli. Estando interdito de publicar na URSS, este facto criou um escândalo nos meios literários soviéticos. É galardoado com o Prémio Nobel da Literatura em 1958, sendo contudo impedido oficialmente de o receber.

A história de Doutor Jivago procura demonstrar sem maniqueísmos, sem romantismos exacerbados, sem crítica política, a vida e os sentimentos das personagens no contexto da Revolução Soviética, demonstrando de uma forma terna e extremamente realista o amor de um médico e poeta, Iuri Jivago (note-se que em russo Jivago será aquele que vive...Jivago é a personagem central de toda a obra de Pasternak, está vivo e como tal é humano, e como tal tem falhas...mas a vida acompanha-o, segue-o para todo o lado, sensual, elegante e fatal...) por uma rapariga, Lara. Um amor que atravessa as intempéries e o peso dos anos. Jivago é um verdadeiro alter ego de Pasternak... um grande homem, com a sua grande paixão, mas apenas um homem que contemplativo e maravilhado é espectador do grandioso espetáculo da vida e da existência neste mundo, publicando Pasternak em apêndice ao romance a poesia de Jivago: "Tormenta, Tormenta por toda a terra. Por todas as fronteiras. Ardia uma vela em cima da mesa, ardia uma vela. E, como no Verão as moscas voam para o fogo, voavam flocos de neve para o caixilho da janela. O nevão colou nos vidros arcos e flechas de gelo. Ardia uma vela em cima da mesa, ardia uma vela. E, no tecto iluminado, desfilavam sombras: de braços enlaçados, de pernas enlaçadas, de destinos enlaçados. E dois sapatos caem estrondosamente no chão, e lágrimas de cera deslizavam do candelabro pelo vestido. E tudo se perdia entre as brumas da neve, cinzentas e alvas. Ardia uma vela em cima da mesa, ardia uma vela. E surgiu um sopro de ar de um canto, e seduzido pelo calor da tentação, anjo de asas em forma de cruz. Tormenta todo o mês de Fevereiro, foi quando tudo se passou. Ardia um vela em cima da mesa, ardia uma vela..."

Finalmente Pasternak vem a falecer em 1960. Segundo Andrei Voznessenski, "ele não ia a enterrar, ia a coroar", descrevendo a emoção dos seus admiradores que o acompanharam à sua última morada: a terra, que sempre eloquentemente cantou e de que nunca saiu.

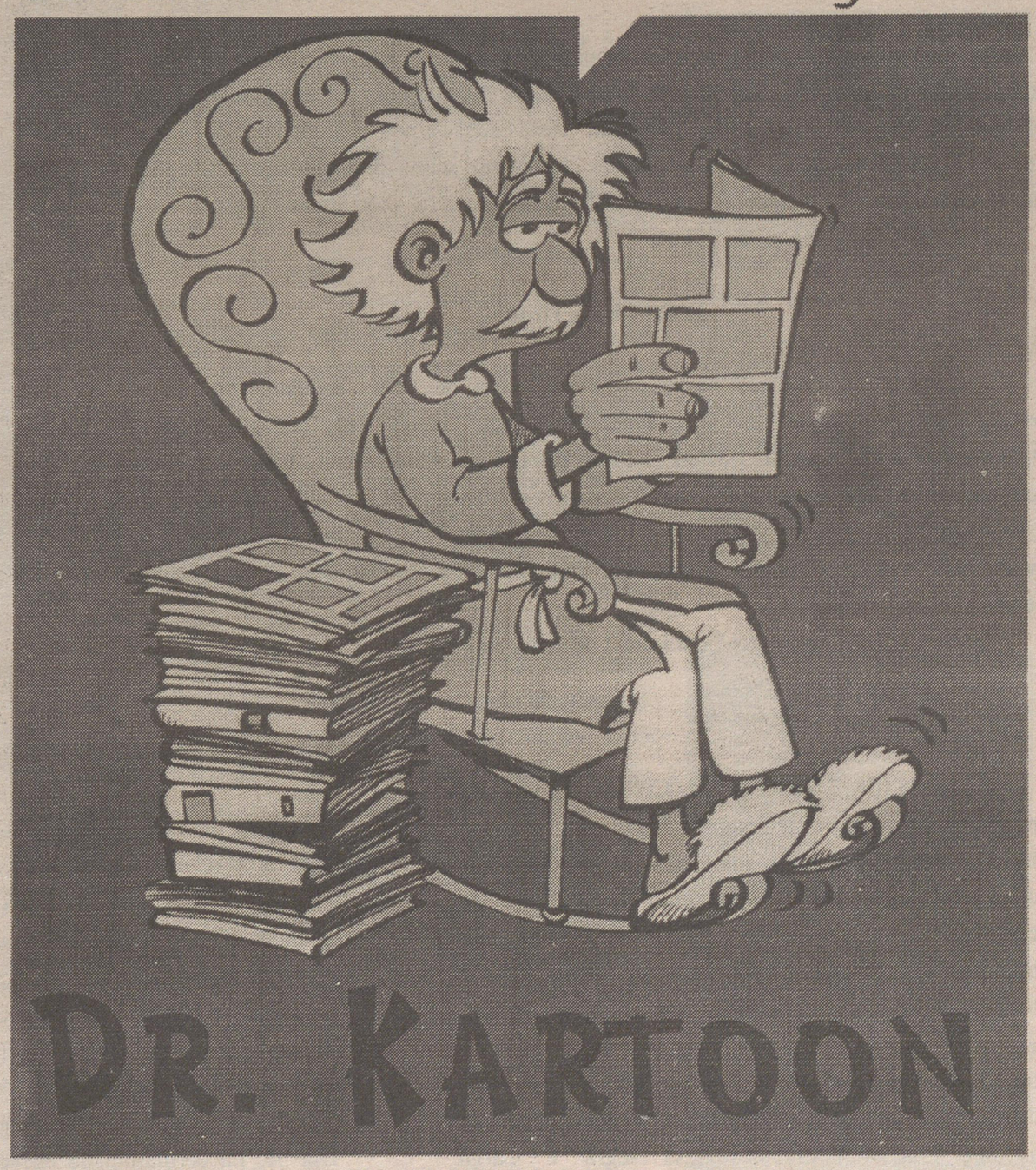
Doutor Jivago, Livros do Brasil

Poetas Russos, Relógio d'água

Doutor Jivago, David Lean, Metro-Goldwyn-Mayer. Omar Sharif, Julie Christie, Geraldine Chaplin, Alec Guiness.

A tradução do russo dos textos apresentados foi feita pelo autor desta crítica.

Rui Prista Cascão



Em Abril, no TAGV

Pela Rota da Cultura...

Este mês o TAGV aposta com força em três grandes projectos: Rotas 98 é uma iniciativa inserida no programa de difusão cultural do Ministério da Cultura "Rotas", cujo objectivo é divulgar produções nacionais recente e comercialmente inéditas. Ainda na esteira da promoção cinéfila portuguesa está o programa organizado pelo C.E.C. "Caminhos do Cinema Português" e que o TAGV recebe entre 21 a 30 de Abril. O teatro marca presença com o II Festival de Teatro Francófano de Coimbra, a decorrer entre dia 24 e 28. Mas é logo no dia 2 que se dirige um olhar para os mais pequenos, com a abertura da Área da Infância do Centro de Pedagogia e Animação do Teatro Académico de Gil Vicente, um espaço que pretende congregar crianças e adultos, alunos e professores, artistas e pedagogos, pais e filhos, amadores e profissionais dos diferentes domínios das expressões artísticas, da educação e da animação.

A estes projectos acrescem os acontecimentos culturais a que o TAGV já nos habituou: entre o recital "Mar Português", pela Companhia Bengala, o concerto "Belle Chase Hotel" pela Banda de Coimbra, o lançamento do CD do grupo Realejo com o respectivo espectáculo, colóquios e conversas, impõe-se um olhar demorado sobre o programa que mensalmente o TAGV publica. Para já ficam algumas coordenadas. Oriente-se...

AG

Folk Português

Nascido em 1990, o grupo Realejo recupera, pelas mãos de Fernando Meireles, o som de instrumentos tradicionais, com especial relevo para a sanfona. Depois de "Sanfonia", o primeiro albúm, "Cenários" continua agora o trabalho de interpretação das tradições musicais europeias. O lançamento do CD, e a actuação que terá lugar no mesmo dia, constituem uma excelente oportunidade de viajar por esta sonoridade, invulgar no panorama musical português. Com reminiscências das harmonias celtas, "Cenários" traz-nos a herança tradicional portuguesa temperada com ecos britânicos e galegos.

A não perder, dia 20: o lançamento do CD é às 15h30, e o espectáculo às 21h45.

Mar Português

Desde Julho de 1996 que o grupo Companhia Bengala existe, com o objectivo de fazer uma leitura internacional da nossa música de raíz popular. O espectáculo Mar Português nasce da frase de Fernando Pessoa: "Uma canção é poesia ajudada". São, pois, músicas originais concebidas para os poemas deste autor, numa ajuda protagonizada por João Bengala, Rodrigo Serrão, João Coutinha, António Ferro, João Vaz e Paleka.

É já no dia 1 de Abril, pelas 21h45

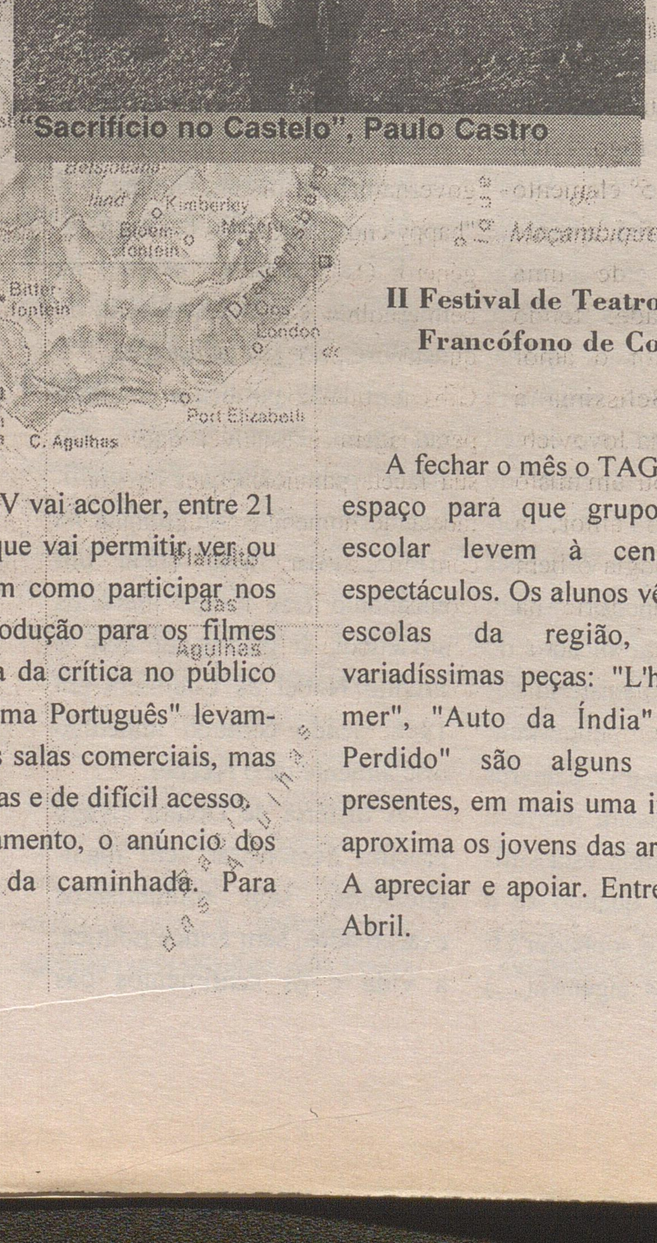
Belle Chase Hotel

Espectáculo musical que nasce em 1995, fruto de uma premente urgência de protagonismo por parte dos seus fundadores, este "Hotel" tem como referências assumidas personalidades tão díspares como Boris Vian, Circo Chen ou Mário Viegas. Sem recusas, tudo é seleccionado mais ou menos intuitivamente, prevalecendo a melodia e o sentimento que ela transporta. Irreverente, este "Hotel" tem actualmente como "hóspedes": Antoine Pimentel, Filipa, João Baptista, João Simões, Luís Pedro, Marco, Pedro Renato, Raquel e Sérgio.

Reserve os seus "aposentos" para dia 2 de Abil, às 21h45

Rotas 98

A aposta do Ministério da Cultura no cinema portugês continua, e tem agora lugar em Coimbra. Reunindo a colaboração possível entre produtores e cineclubes portugueses -enquanto associações de cultura cinematográfica e de promoção da cinefilia- aos esforços do Instituto Português de Arte Cinematográfica e Audiovisual/Instituto do Cinema Audiovisual e Multimédia, os espectadores terão assim nova oportunidade de assistir a produções nacionais. À meia dúzia de filmes, médias e curtas metragens, acrescem as duas longas metragens: "Rosa Negra" e "Carga Infernal". Muitas e boas razões para ter o programa do TAGV à mão...de 3 a 19 de Abril.



"Sacrifício no Castelo", Paulo Castro

Caminhos a percorrer...

O Centro de Estudos Cinematográficos da AAC organizou e o TAGV vai acolher, entre 21 e 30 de Abril, mais uma iniciativa que vai permitir ver ou rever alguns filmes portugueses, bem como participar nos colóquios a realizar dia 25-"Que produção para os filmes portugueses"- e dia 30-"A influência da crítica no público português"-. Os "Caminhos do Cinema Português" levam-nos a filmes recentemente saídos das salas comerciais, mas também a produções menos divulgadas e de difícil acesso.

Dia 30, na cerimónia de encerramento, o anúncio dos filmes vencedores marca o fim da caminhada. Para acompanhar a par e passo.

II Festival de Teatro Escolar Francófono de Coimbra

A fechar o mês o TAGV cede o seu espaço para que grupos de teatro escolar levem à cena os seus espectáculos. Os alunos vêm de muitas escolas da região, e trazem variadíssimas peças: "L'homme et la mer", "Auto da Índia" e "Paraíso Perdido" são alguns dos títulos presentes, em mais uma iniciativa que aproxima os jovens das artes do palco. A apreciar e apoiar. Entre 24 e 28 de Abril.

Os vídeos da Cabra

5º Elemento

Nos filmes de ficção científica, o futuro aparece quase sempre como uma caricatura do presente ou uma recorrência de uma passado mais ou menos heróico. É o que acontece no "5º Elemento". Misturam-se caracteres egípcios, com 'talk shows' modernos; a mitologia com a praticidade de um governo federal, a imagem do cavaleiro solitário com um irreverente condutor de táxis (Bruce Willis) envolvido em emocionantes perseguições automóveis a três dimensões. No entanto, Luc Besson não se limita a caricaturar e alguns momentos de maior densidade dramática só não resultam melhor ainda porque são apenas momentos. Da mesma forma, alguns planos, bem como o colorido intenso de todo o filme, são pontos fortes.

O 5º Elemento é um ente supremo, enviado à terra pelos deuses, para proteger a humanidade do mal que se aproxima sob a forma de uma gigantesca bola de fogo - um autêntico inferno. O 5º elemento é uma mulher, fisicamente indestrutível, mas de uma extrema sensibilidade, tendo necessidade de sentir o amor para sobreviver. Belíssima a interpretação de Milla Jovovich.

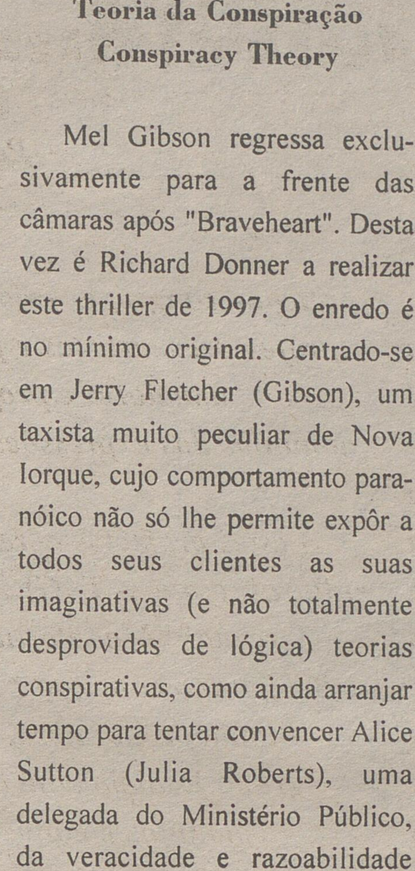
Luc Besson filmou um misto de fábula sobre o amor, a humanidade, a mitologia o bem e o mal. Apostando forte na componente técnica, só perde um pouco por não explorar mais profundamente as componentes humanas que aborda.

A não perder.

MP

Teoria da Conspiração
Conspiracy Theory

Mel Gibson regressa exclusivamente para a frente das câmaras após "Braveheart". Desta vez é Richard Donner a realizar este thriller de 1997. O enredo é no mínimo original. Centrado-se em Jerry Fletcher (Gibson), um taxista muito peculiar de Nova Iorque, cujo comportamento paranóico não só lhe permite expôr a todos seus clientes as suas imaginativas (e não totalmente desprovidas de lógica) teorias conspirativas, como ainda arranjar tempo para tentar convencer Alice Sutton (Julia Roberts), uma delegada do Ministério Público, da veracidade e razoabilidade dessas mesmas teorias, na esperança de que ela as investigue. Quando finalmente Fletcher



consegue convencer Sutton em relação a uma das suas teorias, que até envolve o Presidente dos EUA, vêem-se os dois alvo de uma perseguição implacável pelo responsável de uma agência mais secreta que a CIA, Dr.Jonas (Patrick Stewart). Apesar de tudo o que envolve fugir a uma agência governamental, não se evita o "happy end", dentro dos limites do género. Os actores foram muito bem escolhidos para os pápeis em questão, principalmente Mel Gibson, que consegue criar um personagem irresístivel quer na sua faceta paranóica quer na sua faceta de homem em fuga ainda com forças para lutar. Richard Donner é eficiente na maneira como assina este thriller que consegue prender as atenções. A não perder, aquele que foi uma das agradáveis surpresas do ano passado.

JMA

Antes de Amanhecer
"Before Sunrise"

Richard Linklater, um talentoso realizador ainda pouco conhecido entre nós, situa o seu terceiro (e mais "mediático") filme -Dazed and Confused e Slacker não foram, lamentavelmente, distribuídos nas salas portuguesas- em Viena, seguindo o trajecto de dois jovens (uma francesa e um norte-americano) que, depois de travarem conhecimento no comboio, decidem permanecer uma noite na capital austríaca, retomando as respectivas viagens apenas na manhã seguinte. Toda a acção se desenrola no espaço de catorze horas. Enquanto deambulam pela cidade, Celine e Jesse falam de assuntos aparentemente desconexos entre si, de forma desartificiosa, apalpando terreno - observando e indagando ao sabor da descoberta mútua. Uma espécie de "work in progress", poder-se-ia pensar. Nem por isso; o argumento, da autoria de Linklater e Kim Krizan, é suficientemente coeso e subtil para, pela boca dos protagonistas, fazer um apanhado dos problemas, situações e vicissitudes que, de uma maneira geral, configuram e transtornam a vida de todos os jovens nos conturbados tempos que vivemos.

Before Sunrise é uma mistura de devaneio poético e "neo-realismo" europeu - ou "à europeia", se preferirem - com um ponto de vista americanizante suficientemente honesto, inteligente e despretensioso para provocar um efeito de reconhecimento nos espectadores mais sensíveis à incursão do Tio Sam por terrenos sagrados da iconografia europeia.

Linklater não se deixa deslumbrar por uma cidade tão carregadada de simbologia como Viena, filmando-a com discrição e restringindo os locais essencialmente à ambientação das personagens, embora não evitando conferir algum folclore às figuras "típicas" que vão surgindo, de forma ilustrativa, ao longo do filme. Um toque exótico e romanesco que, de resto, não cai mal.

As personagens centrais, essas, são tratadas com particular esmero. Celine, com as motivações e a especificidade de uma "nativa" do Velho Continente, Jesse, talvez mais indistintamente americano, ambos momentaneamente unidos pela partilha de emoções e revelação de afinidades, e finalmente afastados pela distância física e pelas inevitáveis diferenças e obrigações culturais e sociais. As interpretações de Ethan Hawke e de Julie Delpy - ambos absolutamente espontâneos e credíveis - ajudam a fazer de «Antes de Amanhecer» uma pequena obra sincera e tocante.

Before Sunrise é um filme americano - e não pretende escondê-lo - mas revela uma sensibilidade visual e uma economia de retórica, um equilíbrio entre leveza e complexidade que muitas produções europeias não desdenhariam.

Para além de quaisquer delimitações mentais e geográficas, Richard Linklater escreveu e dirigiu uma película sobre a universalidade dos sentimentos.

João Andrade Madeira

Voando Sobre um Ninho de Cucos

O 1º Oscar de Melhor Actor Principal para Jack Nicholson, o Oscar de Melhor Realizador para Milos Forman, Melhor Actriz para Louise Fletcher, Melhor Argumento e claro, o Melhor Filme do Ano. Milos Forman, realizador checo naturalizado americano, prefere dar-nos uma visão da América que grande parte dos americanos prefere esconder, de preferência atrás de muros altos e em prisões. É num hospital-prisão psiquiátrico que se desenrola a acção, no qual se encontra detido McMurphy/Nicholson, que não é louco mas está internado numa enfermaria rodeado de doentes com perturbações mentais. Essa lucidez que mantem em relação aos seus companheiros de infortúnio, permite-lhe opor-se a Louise Fletcher, que interpreta a chefe das enfermeiras daquela ala, dura, inflexivel e insensivel, logo entrando em rota de colisão com McMurphy. Este tenta ao longo do filme subverter todas as regras e denunciar a maneira desumana como são tratados aqueles que perderam a razão, que por incapacidade de reacção se tornam quse jogos nas mãos dos responsáveis. A luta de McMurphy é inglória, porque também acaba por perder a razão e entrar no mesmo mundo alienado e sem retorno, ao qual se tinha conseguido manter intocável. A brutalidade e insensibilidade com que o sistema trata aqueles que não só perderam a razão mas também se tornaram completamente vulneráveis, é aqui brilhantemente denunciada por Forman, com as interpretações absolutamente excepcionais de Nicholson (naquele que é considerado por muitos um dos seus melhores pápeis) e Fletcher (que nunca mais reapareceu a este nível) e um argumento extremamente sóbrio e excelentemente trabalhado. Uma obra- - prima do Cinema, um dos melhores filmes feitos até hoje. Palavras não chegam... mas dão para dar uma ideia. Indispensável. Imperdivel. Obra-Prima.

JMA

Quentes e Bons

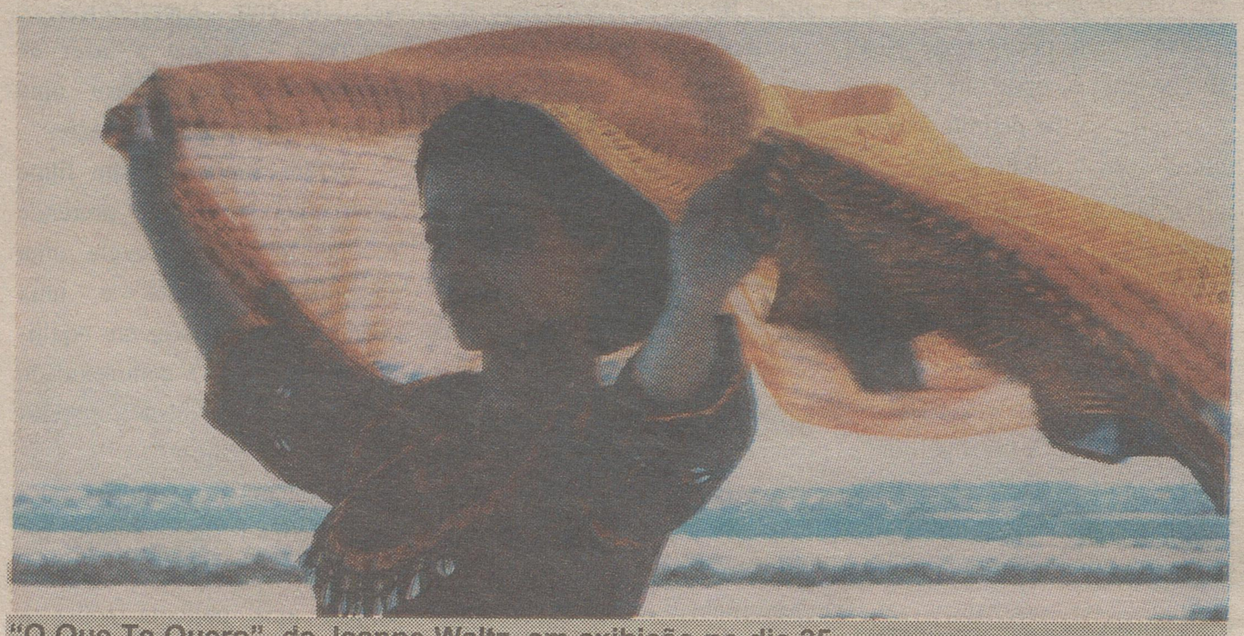
Um Índio na Metrópole
MIB - Homens de Negro
Gritos "Screem"
Avaria No Asfalto
Bean - Um Autêntico Desastre
Maridos Precisam-se
Speed 2
Beavis e Butt-Head na América
Duas Irmãs
Moll Flanders

Todos os filmes apresentados estão disponíveis para aluguer no Clube de Vídeo Avenida, edifício Avenida, 6º piso loja 608

5ª Edição dos Caminhos do Cinema Português

Rumo a um verdadeiro Festival de Cinema

Nos próximos dias 21 a 30 de Abril vai decorrer em Coimbra a 5ª Edição dos "Caminhos de Cinema Português", organizada pelo Centro de Estudos Cinematográficos da AAC (CEC/AAC). Para além da promoção da discussão de questões que a produção nacional cinematográfica gera, através da realização de dois colóquios (ver programa), o CEC, divulgando toda a produção nacional no último ano, pretende a criação de um verdadeiro Festival de Cinema Português, acontecimento cultural inexistente no nosso pais. Os filmes exibidos estarão quase todos propostos a concurso. Apesar de o programa ser ainda provisório, a selecção a apresentar é constituida por todos os filmes nacionais produzidos entre 1 de Abril de 1997 e 31 de Março deste ano, destacando-se o filme português mais visto de sempre, "Tentação", o galardoado com o prémio de melhor fotografia em Cannes, "Ossos", "le Bassin de J.W." do polémico cineasta João César Monteiro e "Viagem ao principio do Mundo" de Manoel de Oliveira, a par de outros filmes portugueses muito menos conhecidos. A par dos Caminhos de Cinema Português, vai decorrer entre o dia 20 e 24 de Abril o já habitual Seminário, este ano dedicado à Realização (com José Fonseca e Costa) e à Produção (com Carlos da Silva), estando assegurado que não interferirá com outras actividades dos Caminhos. Os interessados devem dirigir-se ao CEC (no 1º piso do edificio da AAC).



"O Que Te Quero", de Jeanne Waltz, em exibição no dia 25

Quanto aos prémios, o júri oficial, constituido pelo Professor Doutor Abilio Hernandez, Doutor Alexandre Ramires, Doutor Fausto Cruchinho, Doutora Ana Pires, Doutor João Mário Grilo, Manuel Cintra Ferreira e o Professor Doutor Salvato Telles de Menezes, atribuirá os prémios de Melhor Longa Metragem e Melhor Curta Metragem de Ficção. Este ano, não há Curtas Metragens de Animação a concurso, pois nenhuma das que se enquadraria no periodo de 1 de Abril de 1997 a 31 de Março deste ano estará concluida a tempo de entrar a concurso. Também se atribuirá o prémio Ardenter Imagine, destinado a reconhecer "uma carreira inteiramente dedicada ao cinema português, mas ofuscada por todos aqueles nomes que fazem capas de revista, programas de televisão, etc (...) de modo a ecoar pelo país fora um nome importante para o cinema português, mas que ainda não tenha sido dito em voz alta", atribuido por um júri constituido por elementos do CEC: Sara Seabra, Dulce Peixoto, Nelson Zagalo, Bruno Dias e Manuel Nunes. Ainda em relação aos prémios, o público este ano terá a hipotese de escolher a melhor Longa Metragem exibida, através do Prémio do Público.

A exibição dos filmes será feita no TAGV, com as excepções de uma sessão de Curtas Metragens de Produções Off (às 15h00 de dia 25) e a exibição de videos amadores no Centro Cultural D.Dinis e no Mini-Auditório Salgado Zenha (1º piso do edificio da AAC). De referir ainda, enquadrados no programa, a exposição "Um olhar sobre décadas" e espectáculos no D.Dinis, a realizar quase todos os dias, a partir da meia-noite.

Os apoios "mais directos e activos" desta 5ª Edição são o TAGV, a Câmara Municipal de Coimbra e a Delegação do Ministério da Cultura da Região Centro. Resta-nos esperar que seja um sucesso e que esta mudança de orientação dos Caminhos, abandonando os ciclos de retrospectivas e apostando na divulgação do que se faz todos os anos em termos de Cinema Português,não só atraia a nossa comunidade estudantil de quase 20 mil alunos, como a própria cidade, constituindo um passo sólido na criação de um verdadeiro Festival de Cinema. Os parabéns e boa sorte para o CEC.

JMA

PROGRAMA (Provisório)

dia 21-Terça-Feira

Exposição "Olhar sobre Décadas"

21h30-Cerimónia de Abertura com espectáculo de Luis de Matos e os filmes:

-"Parabéns" de João Pedro Rodrigues

-"Ossos" de Pedro Costa

00h00-Espectáculos no Centro Cultural D.Dinis

dia 22-Quarta-Feira

18h00-"O Pagamento" de José Luis Nobre (por confirmar)

- "Abstracto" de Rui Goulart

21h45-"Apis" de Pedro Pena

-"Tentação" de Joaquim Leitão

00h00-Espectáculos no Centro Cultural D.Dinis

dia 23-Quinta-Feira

18h00-À Espera

-"À Sombra dos Abutres" de Leonel Vieira (por confirmar)

21h45-"Osmose" de José Alberto Pinto

-"Le Bassin de J.W." de João César Monteiro

00h00-Espectáculos no Centro Cultural D.Dinis

dia 24-Sexta-Feira

22h30-Interactividade Audio-Visual com o Público no Centro Cultural D.Dinis

dia 25-Sábado

"Le Bassin de J.W.", de João César Monteiro

15h00-Curtas Metragens-Produções Off (Fora de Concurso)

17h00-Colóquio "Que Produção para os Filmes Portugueses" com: Paulo Branco; Rosi Burguete; Antónia Seabra; Amândio Coroado

Moderador: Carlos da Silva

21h45-"O Que Te Quero" de Jeanne Waltz

-"Inês de Portugal" de José Carlos de Oliveira

00h00-Espectáculos no Centro Cultural D.Dinis

dia 26-Domingo

18h00-Mostra de Video Contemporâneo da Videoteca Portuguesa no Mini-Auditório Salgado Zenha

21h45-"Moleques de Rua" de Joaquim Pinto

-"Manual de Evasão LX 97" de Edgar Pêra no Mini-Auditório Salgado Zenha

dia 27-Segunda-Feira

18h00-"Amor Maldito" de Mário Augusto (fora de concurso)

-"As Escolhidas" de Margarida Gil

21h45-"Sacrifício no Castelo" de Paulo Castro (fora de concurso)

-"A Tempestade da Terra" de Fernando de Almeida e Silva (por confirmar)

00h00-Espectáculos no Centro Cultural D.Dinis

dia 28-Terça-Feira

18h00-"O Testamento do Sr. Napumoceno" de Francisco Manso (por confirmar)

21h45-"Menos Nove" de Rita Nunes

-"Porto Santo" de Vicente Jorge Silva

00h00-Espectáculos no Centro Cultural D.Dinis

dia 29-Quarta-Feira

18h00-"Elas" de Luis Galvão Teles

21h45-"Espelho da Alma" de Jaime Ribeiro (fora de concurso)

-"Viagem ao princípio do Mundo" de Manoel de Oliveira

00h00-Espectáculos no Centro Cultural D.Dinis

dia 30-Quinta-Feira

18h00-Colóquio "A Influência da Critica no Público Português" com: João Lopes, Miguel Gomes, Lara Marques Pereira, Jorge Mourinha

Moderador: Dr.António Pedro Pita

21h45-Cerimónia de Encerramento com os Filmes Vencedores e Convívio no Centro Cultural D.Dinis